Má Sina
CONTO DE
LUCILO VAREJÃO
(NO TEXTO)
ANNO XXXIII
NUMERO 40
8 - 3 - 1934
Preço 1$200
O Malho
MONTEIRO FILHO

P A R A   B E L L E Z A

Productos A. DORET

Formosura do rosto. — Não ha motivo para que o rosto perca a frescura da mocidade, quando a pelle do corpo se conserva por longo tempo; frequentemente até sempre.

O rosto, no entanto, carece de cuidados. Uma planta é viçosa tratada como deve, carinhosamente vigiada dia a dia. A cutis, tanto como as plantas que nos exigem perseverança de trato, deve soffrer exame e prescripção de quem a essa especie de medicina se dedica.

Assim é que, A. Doret, vivamente empenhado em contribuir para a boniteza da pelle das mulheres, preparou uma serie de loções, cremes, etc., cada qual com destino a cada qualidade de pelle.

Pelle normal — nem secca nem gordurosa — requer uso diario de EMULSINE e, duas vezes por semana, JOUVENCE FLUID.

Pelle secca — JOUVENCE n. 12 em contacto com a pelle durante 5 minutos, depois do que deve ser lavada, para, em seguida, soffrer ligeira massagem com o CREME AUTO MASSAGEM, por sua vez retirado com um pano humedecido em agua pura.

Pelle gordurosa — Depois de lavada a pelle do rosto é limpa ainda com JOUVENCE FLUID simples, sem numeração, e, antes do pó d'arroz do mesmo fabricante, um pouco de EMULSISINE n. 15.

As massagens no rosto, colo braços de pessoas menos moças serão feitas com o CREME DORET, pela manhã, retirado do rosto com agua pura. Antes de deitar, o uso constante de JOUVENCE FLUID n. 18.

Nutrir a pelle é para qualquer idade. Não sendo, porém, do agrado de todas o uso de cremes no — caso o CREME AUTO MASSAGEM — póde ser substituido pelo LEITE DEESSE.

As espinhas, mal de que padecem mocinhas e rapazes, devem ser tratadas do seguinte modo: lavagem com agua e optimo sabão; JOUVENCE FLUID, procurando embeber bastante a parte atacada pelo mal. Medicação com resultado em oito dias de uso. E' mistér recommendar que as espinhas nunca devem ser espremidas, nem os cravos retirados com a pressão das unhas.

Os Perfumes, Loções, Pó de Arroz e os Productos de Belleza A. Doret, encontram-se nas seguintes casas:

CIRIO, Rua do Ouvidor 183 — Casa Doret, Rua Alcindo Guanabara, 5-A — Casá Guido & Delia (Cabelleireiro), Rua Uruguayana, 16 — Casa Ormonde (Cabelleireiro), Rua S. José, 120-1° — Julio Mendes de Araujo, Rua Barão de Mesquita, e nas Drogarias: Francisco Giffoni Rua 1° de Março, 17 — Huber, 7 de Setembro, 61 - Rio — Fabrica e deposito: A. Doret, Rua Gurupy, 147 — Grajahú — Rio.

Halex	n.° 1	9$000
"	" 2	12$000
"	" 3	15$000
"	" 4	20$000
"	" 5	25$000
Spandic	n.° 1	10$000
"	" 2	14$000
"	" 3	18$000
"	" 4	25$000
Rotschild	n.° 3	22$000
"	" 4	25$000
Rotschild	n.° 5	35$000
" Extra	5	45$000
Spaldic	n.° 5	30$000
Spandic	n.° 5	30$000
Spander	n.° 5	35$000
" Extra	5	40$000
Improved "T"	5	110$000
Improved "T" cromo	5	120$000

EM novembro findo, foram encontrados, não distante de Egolzwil, entre Lucerna e Olten (Suissa), importantes vestigios de uma cidade lacustre, datando de 8000 annos antes da éra christã. A localidade de que se fala agora era occupada por um lago de 6 kil. de diametro, ás margens do qual se alinhavam 19 grupos de habitações lacustres. Os trabalhos archeologicos foram conduzidos pelos professores M. W. Amrein e Reinerth.

O MALHO

ANNO XXXIII Propriedade da S. A. O MALHO NUMERO 40

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Numero avulso em todo o Brasil 1$200 Assignaturas: Annual-----60$000 Semestral-30$000

Redacção e administração TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

Telephones: 3-4422 2-8073 - Caixa Postal, 880—RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

HISTORIA DE FADAS

Acto em verso, de Affonso Schmidt

CHRONICA

Por Berilo Neves

AS ANDORINHAS

De Leoncio Correia

BELLE DIDJAH, DANSARINA DO SECULO

De Adolfo Aizen

A ARTE ENTRE OS SONHADORES

Por Tapajoz Gomes

RIO, O PARAISO DA ILLUSÃO LITERARIA

De Oswaldo Orico

SECÇÕES DO COSTUME

Senhora, supplemento feminino — De Cinema — Carta enigmatica e charadas — Horticultura e Floricultura — O Mundo em Revista — Broadcasting — etc., etc.

ERNESTO NAZARETH

ARY KERNER

HA dias, ao procurar um thema para uma poesia, veiu-me repentinamente ao cerebro esta phrase:

> Os poetas têm, todos, destinos iguaes...
> A sorte os marcou com signos fataes...

E, pelo meu pensamento começaram a passar todos os buriladores de alma, e do que a creatura humana possue de realmente bello.

Poeta é todo artista, ou melhor, todo estheta. O talhador do marmore, o illustrador dos paineis, o virtuose do teclado, o garimpeiro das rimas, são todos poetas...

Chopin, Victor Hugo, Leonardo da Vinci, Wagner, Raphael, Beethoven, Listz, Goethe foram poetas, no sentido integral, etymologico da palavra grega...

Quebrando as minhas divagações, alguem se approxima de mim e diz: — Morreu Ernesto Nazareth!

Mais uma vez se confirmava aquelle começo de poema...

Nazareth, o velho Nazareth de cabeça branca, de physionomia ingenua e bondosa, morrera tragica, dolorosamente, fugindo para sempre dos que privavam com elle, quer no convivio da sua alma bôa e sentimental, quer na intimidade da comprehensão artistica.

Beethoven... Nazareth... e, talvez uma historia que se repete.

A surdez, a amargura de não ouvir as vibrações do seu proprio espirito, deve ter sido o inicio dessa tragedia de desfecho tão triste. Convivi com Nazareth. Tenho a grata recordação daquella amisade de ha 15 annos, quando elle, já velho, de cabellos brancos, quasi esquecido, tocava só para mim, ainda um menino, com a alegria de ver que alguem da nova geração, da geração do "samba do morro", da "macumba", do "macaco olha teu rabo", o comprehendia e se extasiava com as harmonias descriptivas de "Passaros em festa" ou com a brejeirice do "Bambino" e tantas outras obras com que a sua inspiração privilegiada, "proles sine mater creata", brindou a musica brasileira.

Bem me lembro. Um dia convidei-o para uma reunião em casa de um parente. Nazareth, sempre bom, vestiu o seu frack, e, sorridente satisfez o pedido do seu amiguinho de 14 annos...

Quando, depois de executar musicas mais serias, começou a tocar os seus famosos tangos e maxixes que marcaram época ha 30 annos, alguns pares se moveram.

Julguei que elle se zangasse; mas não. Nazareth pisou os pedaes, cresceu em enthusiasmo e tocou... tocou... até ás 3 horas da madrugada...

Observando-o de longe, comprehendi toda a sua alegria: eram as reminiscencias do passado... daquelle passado feliz, dos schottisch, das mazurkas, das polkas, das quadrilhas, em que elle brilhara e fôra o rei dos salões, não só pela sua arte como pela sua belleza physica.

Para mim Nazareth tem mais merito como compositor que o proprio Carlos Gomes.

E' o creador de um estylo, de uma nova expressão musical, mystica, sentimental, cheia da alma cabocla do gentio e da natureza tropical da nossa gente...

Nazareth, para a musica brasileira, foi unico. Sua obra não tem continuadores nem teve predecessores.

Sua morte fecha o cyclo de uma imaginação fertil em motivos e rithmos que outros não substituirão.

Nazareth! Adeus!

Prof. Alfons Jakob

— Acabam de ser enfeixadas em volume as eruditas conferencias sobre — Anatomia Pathologica do Systema Nervoso que o Prof. Alfons Jakob, da Universidade de Hamburgo, realizou durante tres mezes nesta Capital, em 1928, a convite de um grupo de especialistas e estudiosos da materia.

Este curso teve o apoio official e despertou grande interesse em nosso meio scientifico.

O Prof. Alfons Jakob que deixou forte impressão em nossas espheras sociaes e intellectuaes, fazendo solida obra de approximação teuto-brasileira, falleceu um anno apóz a sua estadia na Sul America.

A presente publicação, além de prestar um serviço aos estudiosos com a publicação de suas aulas de anatomia pathologica, é uma saudosa homenagem á memoria do sabio allemão.

O volume vem prefaciado pelo Prof. Austregesilo e está magnificamente impresso. Contém um retrato do autor, as suas vinte conferencias, as impressões de viagem lidas na Universidade de Hamburgo e uma parte pratica onde vêm expostos os methodos adoptados no curso.

Nem todos sabem que...

O professor Burke, do State College de Washington, descobriu que os germens, microbios ou bactérias, principalmente os que se encontram aos milhões nas aguas estagnadas, podem fornecer os elementos nutritivos necessarios á conservação da vida. Uma familia de microbios, dos que foram estudados, é capaz de produzir proteina; outra póde gerar assucar, amido, gorduras; outra ainda está apta a prover-nos de vitaminas e materias similares que hoje se obtêm das plantas. O prof. Burke levou a cabo sua descoberta utilisando-se de ovos de rã.

—||||—

A origem da palavra candidato remonta ao tempo dos Cesares. Nos dias anteriores ás eleições em Roma, os politicos interessados rondavam o Forum ou passeavam nos logares publicos envoltos numa toga chamada candida. Dahi a designação de candidatos dada aos que deviam ser suffragados nas urnas.

—||||—

POR occasião do seismo que sacudiu a Nova Zelandia só se salvaram as pessoas que tiveram o bom senso de seguir os cachorros e os gatos. Vinte e quatro horas antes do terremoto, esses animaes fugiram. Quando as autoridades de Linthal (Alto Rheno) quizeram, ha tres annos, fazer evacuar alguns quarteirões ameaçados por uma medonha queda de barreiras, os gatos recusaram-se a seguir os seus donos na fuga. E tiveram razão: em Linthal nada houve e seus habitantes reintegraram as casas... arrependidos.

—||||—

A casa onde morreu o maestro Berlioz, á rua do Mont-Cenis, hoje Saint-Denis, em Montmartre, e a em que residiu a celebre Mimi Pinson, no nº 18 da mesma rua, foram demolidas, em 1926, ao mesmo tempo. A pequena vivenda do compositor que, em 1908, foi mimoseada com uma placa de marmore rememorando a existencia, nella, do autor da "Damnação de Fausto", foi substituida por um arranha-céo, cujo proprietario (esta é bôa!) appoz á fachada a placa historica, sem a explicação necessaria. Que não dirão, daqui a uma dezena d'annos os turistas?

CAIXA D'O MALHO

BASILEU DE MEDEIROS BICCA (Alegre) — Com pequenas modificações no começo, antes de entrar na narrativa do episodio da revolução de 93, o seu trabalho será publicado. Agora, é questão de paciencia para esperar uma vaga.

F. P. JUNIOR (Garça) — O seu soneto, de facto, tem alguns versos de pés quebrados; alguns sem rythmo, outros com syllabas demais.

A propria rima fracassa nos tercetos. O portuguez tambem não é dos melhores, e o thema, além de ingenuo, termina de maneira imprevista. Tirante isto, o resto vae muito bem... Tonicas são as syllabas sobre repousa a accentuação.

Quando V. lê um verso, não reparou que é como uma musica? Ha syllabas breves, como colchêas e outras longas como semibreves. Pois estas ultimas são as tônicas.

GERALDO MENDES (Heliodora, Minas) — Eta, bicho renitente! Você é a perseverança em pessoa. Mas não aprendeu ainda a composição dos versos alexandrinos. Ouça lá, de uma vez por todas: o alexandrino é composto de dois versos de 6 syllabas cada um.

Todo alexandrino certo, V. póde desdobrar em dois versos de 6 syllabas, sem cortar pelo meio qualquer palavra. Exemplos tirados do seu soneto:

1 — "Vinde ver, vinde ouvir,
llgente desconhecida"
2 — "O vaquero cantando
Sem rumo da invernada"

Por ahi V. notará: no exemplo 1, a ultima palavra do primeiro verso (*ouvir*) é aguda. Neste caso, o verso seguinte começa com qualquer letra. No exemplo 2, a ultima palavra do primeiro verso (*cantando*) é grave. Neste caso, ella é obrigada a terminar por vogal e a primeira palavra do verso seguinte só póde começar tambem por vogal, ou *h*.

O alexandrino que não puder ser dividido em dois versos perfeitos de 6 syllabas e que não esteja construido das duas formas acima apontadas não é perfeito. Ha uma excepção, uma unica excepção em que o alexandrino não se divide em dois perfeitos versos de seis syllabas: é o que tem accentuação de quatro em quatro syllabas. Como exemplo, este verso de Olegario Marianno:

Entre arlequins polichinél los e soldá|dos.

Grave bem este rythmo especial de galope, mas não abuse delle. E sobretudo, não esqueça a explicação que dei acima, porque não pretendo voltar a este assumpto.

Do outro soneto seu, aproveitam-se os tercetos. O primeiro quarteto é absurdo. Onde V. já viu uma aboba ou um craneo "granhar o ceu"?

ARNALDO EDMUNDO LEMOS (?) — "Aquelles dedos" e "Aquellas mãos" foram para aquella cesta.

CELIO SANTOS (?) — De facto, a metrica ainda fraquejou. No verso — "Os elementos se revoltam irados". Como vê, 11 syllabas. Demais, se V. rimou os quartetos em agudos, deveria ter posto tambem uma rima aguda nos tercetos.

NAPOLEÃO PORTELLA DE MORAES (Catende) — Qualquer um delles serve. Mas, no seu caso, como mais util, vale a pena ver o "Diccionario de Rimas". Mas não pense que fazer poesia é alinhar versos rimados ou não, bem ou mal metrificados. Por pensar assim, muita gente tem perdido o seu tempo e envenenado o humor alheio. A gerencia já tomou providencias a respeito das revistas.

HELIO LUZ (Carmo do Paranahyba) — Agora, achei o conto — O Sachristão — muito melhor. Vae sahir, mas você permittirá que eu corte uns adjectivos que estão sobrando. Quanto ao episodio sertanejo, seria interessante se V. o illustrasse com os versos que os caboclos costumam cantar. A descripção que faz, deve ser fiel, mas o facto em si é que não possue a graça e a originalidade de outros costumes do sertão muito mais saborosos. Na minha terra, por exemplo, até ha pouco tempo, ainda existiam os casamentos "de embaixada", imitando praticas da época da cavallaria. Por ahi mesmo, procurando bem, não lhe será difficil encontrar usos mais pittorescos do que a "trahição" que, nas cidades, tambem existem sob os nomes de "assaltos" ou "surpresas".

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

DE FLORICULTURA E HORTICULTURA

ESCOLAS AGRICOLAS PARA MOÇAS

EM França existem varias escolas agricolas para moças, sendo de salientar a de Grignon, a de Belleville e a de Rennes. A de Belleville acha-se superiormente installada num castello que domina o valle de Chevreuse. Ali as alumnas são iniciadas, por habeis mestres, nos multiplos trabalhos de fazenda, como fabrico de queijos, de manteiga, preparo de jardim, apicultura, avicultura, pecuaria, etc.

As aulas da Escola de Grignon funccionam de 15 de Julho a 15 de Outubro, e a entrada para esse estabelecimento de instrucção tem logar sem concurso na secção superior, e as inscripções fazem-se no Ministerio da Agricultura.

Colheita de frutas feita na chacara do castello de Chevreuse por alumnas da Escola de Belleville.

* * *

A NUTRIÇÃO DAS ARVORES

UM bom processo, para fazer as arvores dar o maximo de frutas, é, antes de plantal-as, lançar, nas aberturas para ellas preparadas em bom terreno, restos de lã, pós de osso, chifres torrados, phosphatos naturaes á razão de 10 kgs. em media por metro cubico de terra remexida. Em seguida, para cada uma das arvores, misturar com a terra 50 kgs. de esterco, 1 kg. 500 de sylvinita e 1 kg. de escorias. Depois de plantar as arvores, applicar o processo do prof. Wagner: recobrir as raizes com terra contendo adubos phosphopotassicos. A seguir, a uma camada de terra ordinaria, de cerca de 20 a 25 cms., juntar adubo azotado (nitrato de sodio ou sulfato de ammoniaco), e por fim, depositar o esterco. Dando, sob esta forma, 25 a 30 grs. de azoto, 30 a 40 grs. de acido phosphorico e 40 a 50 grs. de potassa, correspondente a 200 grs. de nitrato de sodio, 250 grs. de escorias ou de superphosphato, 29 grs. de chloruro de potassio, constitue-se uma adubação para 3 annos ou mais.

* * *

CULTIVO DE MELÃO EM VASOS

1, o pézinho da deliciosa fruta dez dias após sua colocação no vaso; 2, quinze dias depois: os galhos apresentam-se bem desenvolvidos, e a planta já póde ser mudada para logar mais amplo

* * *

A QUEDA PREMATURA DAS FRUTAS

AS causas da queda prematura das frutas são: a má nutrição da arvore por excesso de azoto e insufficiencia de potassa e acido phosphorico; as grandes seccas; o ataque dos insectos (o carpocapso, etc.); a debilidade do pedunculo, etc. Os agricultores francezes evitam a queda das frutas pesadas (peras e maçãs de certas variedades) de pedunculo fragilissimo, supprimindo a tensão deste, isto é, fazendo repousar cada fruta numa taboa suspensa a quatro fios de arame que devem ser presos a um galho da arvore. Esse processo tem ainda a vantagem de proporcionar o maximo desenvolvimento das frutas, visto que reforça o pedunculo.

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 4.º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

ILDEFONSO MOACYR — Av. New York, 21 — Bomsuccesso.
MARTHA — Rua Professor Valadares, 206, C. III — Grajahú.
LADY LEAL — Rua Esteves Junior, 34 — Cattete.

ESTADO DO RIO

EDITH CORDEIRO — Rua Floriano Peixoto, 565 — Neves, Nictheroy.

S. PAULO

BARÃO — Rua Céres, 132, apto. nº 1 — Capital.
LILIA PEREIRA GUERRINI — R. D. Pedro I, 108 — Piracicaba.
ROLANDO — Rua Rafael de Ramos, 12-C, Capital.
URLICO NOVAES — Rua Amaral Gama, 23 — Capital.
A. FRANCO BITTENCOURT — Rua Minas Geraes, 21 — Pitangueiras.
DICTINHA — Rua Capitão Mór Jeronymo Leitão, 32 — Capital.

MINAS GERAES

ANNITA FARIA — Pouso Alegre.
VIRGILIO BICALHO — Santa Barbara — E. F. C. B.

RIO GRANDE DO SUL

VICTORIA LEONETTI — S. Victoria do Palmar.
LOPESTELMO — Venancio Aires, 177 — Porto Alegre.

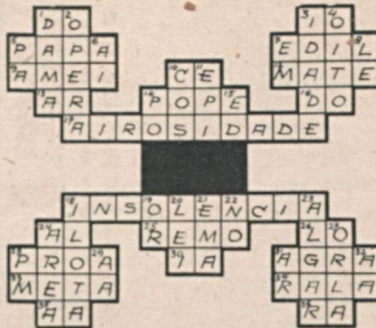
BAHIA

MARQUES DO PORTO — Rua Octacilio Santos, 12 — Acupe, Brotas — Capital.
LAURA PINHO — R. Paço, 38 — Capital.

PERNAMBUCO

CALVINDA CARVALHO — Rua G. Pires, 368 — Recife.
NANICO — Rua Real da Torre, 87 — Magdalena Recife.
PAULO AFFONSO FERREIRA — Rua Gervasio Pires, 1063 — Recife.

MATTO GROSSO

HAYDE'E A. BRASIL — Rua Baptista das Neves, 22 — Cuyabá.

A solução exacta do 4º problema das palavras cruzadas.

CARTA ENIGMATICA

Enviada a'O MALHO por seu constante leitor Pythagoras Barros de Moraes, a presente carta enigmatica contém interessantes versos de um joven poeta. Assim esclarecido, esperamos que as soluções deste torneio nos sejam enviadas a esta redacção. Travessa do Ouvidor, 34 — Rio — até o dia 7 de Abril, data do encerramento deste concurso. Na edição d'O MALHO de 19 de Abril, apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção entre as soluções certas e que vierem acompanhadas do "coupon" respectivo, devidamente prehenchidos os seus claros. Trinta magnificos premios serão distribuidos entre os concurrentes.

CORRESPONDENCIA

Raul Rebello — Osba — Zoé Novais — Gusmão Filho — João sem Terra — J. Oliveira — Annita Faria — Pythagoras B. de Moraes — Mario & Arnaldo — Seus trabalhos vão ser aproveitados.
CECY GONÇALVES — Não serve a sua carta enigmatica.
MARIO LEITE — Tambem não serve o seu trabalho.

CARTA ENIGMATICA
COUPON N. 32
Nome ou pseudonymo .. .. ..
.. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..

Uma empresa para promover o intercambio argentino-brasileiro

Foi fundada nesta capital a Empresa Brasileira de Expansão e Propaganda Limitada.

Tem ella por finalidade promover a aproximação entre interesses argentinos e brasileiros, mediante um extenso programma de commercio e diffusão, pela imprensa, radio, livro e photographia.

Dispondo-se a realizar obra meritoria, é natural que esse emprehendimento, vasado em moldes modernos e intelligentes, encontre o apoio e a boa vontade de quantos se interessam pela grandeza da America do Sul.

A Empresa Brasileira de Expansão e Propaganda Ltda., que tem á sua frente homens capazes e conhecedores do assumpto, acha-se installada á rua do Ouvidor, 89, em pleno e proveitoso funccionamento.

HUMORISMO ALHEIO

— Espere no jantar, porque hoje temos convidados.

— Perfeitamente. A senhora deseja que voltem ou não?

ILLUSÃO D'OPTICA

O garoto — Papae!

— Ao chegares em baixo, não te esqueças de cumprimentar com delicadeza o porteiro, para que não suspeite de nada...

Segredos de Beleza

Beleza e saude andam sempre juntas, porquanto uma é base da outra. Um bonito corpo é raro; um corpo que se torna bonito pelo uso da ginastica, de exercicios fisicos, é comum, hoje em dia, nos paizes de alta civilisação. No entanto, um professor de ginastica tem a mesma responsabilidade do medico: se este emprega determinada receita para cada especie de molestia, aquele deve estudar a fórma de cada corpo para ministrar-lhe o exercicio que o redusa — se necessario, — que o aumente de volume — quando preciso, — ou lhe corrija os defeitos.

As mamãs de agora muito se tratam. E, desde cedo, tambem tratam das filhas, acompanhando-lhes atentas o crescimento como cuidadosas devem ser da formação do espirito dos pequeninos sêres pelos quais são responsaveis.

O rosto de uma menina de dez anos já deve ser examinado com o mesmo criterio que o de uma joven de vinte, ou uma de trinta.

Na primeira juventude sempre aparecem cravos, espinhas, brotoejas que maltratam a epiderme. Sem tratamento adequado, mais tarde muito rosto que poderia ser bonito, parece feio.

A *"acne"* juvenil cura quando tratada bem e a tempo. No entanto, tive oportunidade de verificar, nos meus largos tempos de cabeleireiro, que, entre a clientela do sexo bonito que frequentava diariamente os meus salões, o erro na escolha de preparados da péle era continuo, constante, persistente.

Conhecedor e estudioso da arte de produtos para a péle, comecei a obter resultados que me levaram a intensificar mais a industria que me atraía soberanamente. Daí vieram vindo os tonicos, os crémes, as loções, os perfumes que assino consciente de que não procuro iludir o publico.

As péles secas são, antes da massagem com o creme Auto-Massagem (A. Dorét), lavadas com agua e sabão de qualidade esplendida. O Creme Auto-Massagem é nutritivo, e em pouco menos de tres dias juvenilisa a epiderme; as péles gordurosas são lavadas, em leve fricção, com o "Jouvence Fluide", tratamento que dará resultado bem logo depois de cinco dias de uso.

Como fixativo do pó d'arroz: Emulsina A. Dorét, n. 12 — péle normal; — n. 15 — péle seca. Na péle gordurosa o pó d'arroz por mim carinhosamente preparado, uma vez em uso não mais será substituido.

Os produtos A. Dorét acham-se á venda: na Casa A. Dorét — rua Alcindo Guanabara n. 5-A; Casa Cirio — Ouvidor, 183; Drogaria Huber — 7 de Setembro, 63; Drogaria Giffoni — 1º de Março; Guido Delio — Uruguayana n. 16; Ormonde — Cabeleireiro — S. José, 120 — 1º; Julio Araujo Mendes — Barão de Mesquita n. 234.

No mais, informações para a fabrica A. Dorét — Rua Gurupy n. 147 — Rio.

Programma

Já se foi o tempo em que o meio musical era composto, apenas, de gente sem cotação social ou literaria.

Hoje em dia, embora ainda seja numeroso o contingente de elementos sem realce, principalmente sob o aspecto intellectual, já se nota a presença nos nossos studios de gente escolhida.

Ha dias, em palestra, chegámos a organisar uma ligeira estatistica, não dos vultos de excepção, porque são muitos e a omissão de alguns provocaria descontentamentos, mas de todos aquelles que, havendo cursado institutos superiores de educação, vivam hoje integrados nos arraiaes da musica popular.

Poderiamos chamar a esse grupo "os doutores do radio".

Começámos, então, por alinhar o nome de Joubert de Carvalho, compositor de grande clinica melodica e facultativo que se preza, tanto que exerce a profissão com zelo e frequencia.

Lembrámos, depois, o do sr. Mario Reis, cantor de sambas que usa o annel de bacharel "pour épater le burgeois".

Em seguida, veio o de Gastão Lamounier, tambem bacharel.

Veio, tambem, o de Valdo Abreu, speaker do "Programma Esplendido" e seu organisador, que é formado em odontologia pela Universidade de Nova York, cousa que muito pouca gente sabe...

Alberto Ribeiro, poeta de emoção, auctor de lindas letras populares na cidade, foi collocado no logar a que tem direito, entre os medicos.

Na galeria dos bachareis, puzemos ainda o pianista e compositor que se chama Ary Barroso, que é, sem favor, uma das figuras mais divulgadas dos meios theatraes e radiophonicos.

Não esquecemos, igualmente, que Jorge Fernandes, o interprete fidalgo e cheio de subtilesas, é engenheiro architecto.

Mas não é só.

O illustre facultativo dr. José Marques, que os ouvintes do "Programma Casé" conhecem como Paulo Roberto, tambem teve de entrar para o cordão dos titulados.

O cantor Henrique de Mello Moraes foi outro que pediu ingresso, apresentando o canudo que obteve na Faculdade de Direito.

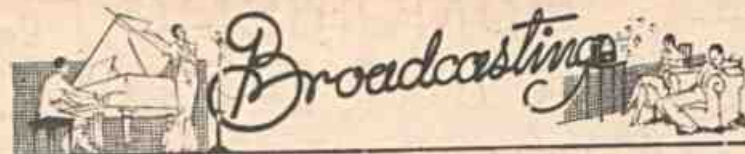
Saint Clair Senna, compositor victrioso no concurso que **O MALHO** promoveu para escolha de marchas e sambas do Carnaval de 1934, teve o seu diploma de dentista revalidado pelo nosso balanço.

O leitor exigente ha de dizer que não é muito.

Mas nós, que conhecemos o ambiente e sabemos o que elle era até poucos tempos atraz, achamos que a companhia está com o elenco melhorado extraordinariamente e que, dentro de alguns annos, nella teremos representantes de todas as sciencias.

Até das sciencias occultas, se a policia não andar vigilante...

O. S.

Broadcasting

ORCHESTRA HARRY KOSARIN

Eis aqui um dos melhores conjunctos musicaes do Rio de Janeiro: a Orchestra Harry Kosarin. Dirigida pelo competente profissional que lhe dá o nome, esse conjucto é um dos mais disputados desta capital. A Orchestra Harry Kosarin grava na "Victor" e na "Columbia".

Numa das ultimas transmissões do popular "Programma Casé", o compositor Ary Barroso tocou um samba de sua autoria, cuja letra começa, aliás, com um verso inteiro da valsa "Arlequim", de Joubert de Carvalho e Tostes Malta, e dedicou a audição ao "digno titular da pasta da Viação, sr. dr. José Americo de Almeida". Commentando o facto, o speaker Albenzio Perrone, da "Educadora", indagou: — Que é que o Ary pretende no Ministerio da Viação? Alguma passagem, no "Lloyd", para Buenos Aires?

* * *

O compositor Indio das Neves procurava, ha dias, um titulo para uma nova producção. E o Alberto Ribeiro, surpreso, fez-lhe uma pergunta innocente: — Você já exgotou todos os titulos de livros que existem no mercado? O poeta Adelmar Tavares, auctor do volume de poesias "Noite Cheia de Estrellas", gostaria da piada, se estivesse presente...

* * *

Opinião de um cantor de radio numa palestra em que o assumpto são as musicas de Chopin:

— E'. Dizem que esse camarada faz uns sambas do outro mundo!...

* * *

Lendo nos jornaes que a estrella do cinema americano Katharine Hepburn ganhou, para uma unica transmissão, pelo radio, a importancia de 5.000 dollares, o Gastão Lamounier exclamou:

— Isto não é vantagem. No meu programma, ha artistas que ganham mais... de 5$000.

UMA PENNA PARTIDA

O radio e o theatro estão intimamente ligados. As canções de um são trans por t a das para o outro e os nomes que se fazem nas ribaltas tambem resoam através dos microphones. Assim, não podia deixar de repercutir nos meios radiophonicos a morte de Marques Porto, o popular escriptor de revistas de tanto successo.

O seu passamento se verificou quando a Cidade se divertia no Carnaval. Marques Porto morreu, pois, em meio da alegria, dessa alegria carioca de que elle era um dos mais habeis manipuladores. Isto não quer dizer, porém, que a sua morte não tenha sido sentida. Todos gostavam delle. E Marques Porto, pela sua bondade bohemia, pela sua graça espontanea bem merecia a sympathia e o affecto de que gosava.

NOTAS FÓRA DA CLAVE

Os editores G. Ricordi & Cia. de São Paulo, dirigiram á Associação Nacional de Editores e Negociantes de Musica uma carta nos seguintes termos: — Illmo. Sr. Presidente. Estamos informados que o editor Pirovano, de Buenos Aires, imprimiu a edição das seguintes canções de Carlos Gardel: — "Cunado no estas" "Mananita de Sol" e "Melodia de arrabal" — e nos apressamos communicar a V. S., para que seja gentilmente dada a informação a todos os nossos collegas associados, que taes composições são de propriedades exclusiva da nossa casa em **todos os paizes do mundo**, exceptuada a Republica Argentina e o Uruguay. Portanto, as edições da Casa Pirovano não poderão ser vendidas ou commerciadas no territorio brasileiro. Contra os infractores (importadores ou revendedores) agiremos legalmente, sem mais outros avisos. Agradecemos desde já a V. S. e á entidade que dirige, pela communicação aos nossos collegas associados, por intermedio do proximo numero do boletim. Sem mais, no momento, nos firmámos com os protestos da mais alta estima e apreço. (a) G. Ricordi & Cia.

* * *

Raul Roulien, o brasileiro de Hollywood, já terminou a filmagem de "Mascarade", uma nova producção da Fox, onde elle tem opportunidade de lançar varias canções que promettem successo. Affirmam da Cidade do Cinema que desses numeros o mais popular é uma lindissima valsa viennense intitulada "Dance Again" (Danse novamente). Além dessa valsa, Raul Roulien canta ainda "Ladies who come from Spain" (Senhoras que vêm da Hespanha), "Babette" e outras cousas que os nossos ouvidos hão de dizer se são boas ou não.

* * *

Depois de uma ausencia prolongada, voltou a actuar nos microphones desta cidade o cantor Jayme Vogeler, que se encontrava em uma estação de aguas... O interprete de "Macaco, olha teu rabo" não teve, porém, a sorte de regressar antes do Carnaval, para gravar um novo successo.

* * *

De Jorge Fernandes, o sympathico cantor patricio, recebeu o redactor desta secção o seguinte cartão: — Rio, 2-2-34. Meu caro Oswaldo Santiago. Aqui estive para agradecer as lindas cousas que você escreveu a meu respeito. Não tendo tido a felicidade de encontral-o, faço deste o portador sincero de minha reconhecida gratidão; não esquecendo, porém, de pedir, antes mais nada, mil perdões pelo atrazo com que o faço, embora tendo sido, a falta, involuntaria. Sem mais, aqui fica o meu abraço. **(a) Jorge.**

O CARIOCA DA BAHIA

Eis como um conterraneo de Assis Valente, o caricaturista Brochado, "viu" o compositor de "Good-bye". A expressão está optima. O cabello é que não está...

Enfileira-se entre as grandes revistas do mundo Cinematographico.

Porque:

CINEARTE é, incontestavelmente, uma revista como só nos Estados Unidos é possivel se apresentar — material, graphica e literariamente. De quinze em quinze dias, pontualmente, **CINEARTE** apparece com capas em variadas côres e texto de grande interesse. Suas edições são esgotadas pelo publico que se interessa pelos Films.

CINEARTE traz reportagens ineditas e especiaes feitas directamente em Hollywood, pelo seu representante **Gilberto Souto**

Os **astros** e **estrellas** do firmamento Cinematographico dedicam a

CINEARTE

e seus leitores as melhores photographias. Todos precisam conhecer **CINEARTE**, a melhor revista de Cinema.

ASSIGNATURAS

BRASIL:

1 anno	48$000
6 mezes	25$000

REGISTRADAS

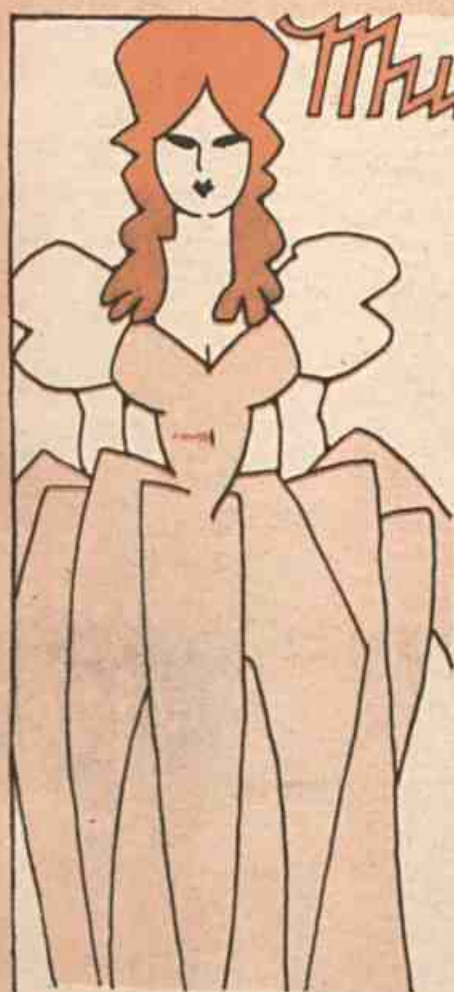
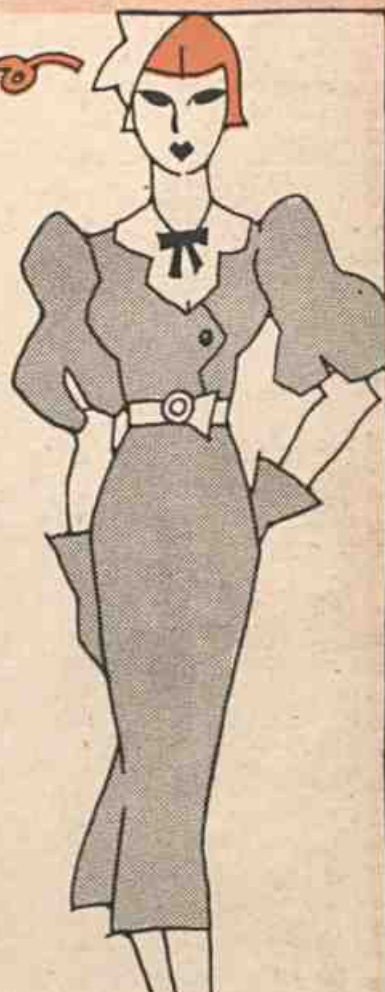
1 anno	60$000
6 mezes	30$000
Numero avulso	2$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á

TRAVESSA OUVIDOR, N. 34

TELEPHONES:
Gerencia: 3-4422 — Redacção: 2-8073.
Caixa postal: 880 — RIO DE JANEIRO.

PREÇO 2$

Mulher e Martyr

Da mesa em que os dois amigos sorviam, com delicias no paladar, o "cock-tail" da tarde, a luxuosa rua podia ser vista em todo o seu esplendor. Era um incessante vae-e-vem de elegancias numa parada maravilhosa de bellezas profissionaes. E um disse ao outro, com os olhos que a admiração tornava humidos:

— Qual das duas mais te enternece? A mulher moderna ou a dona dos tempos idos?

— Depende do ponto de vista em que pões a pergunta.

— Falo da utilidade feminina...

— Ah! viva, então, a mulher de hoje.

— Por que?

Sem sombra de hesitação, veio o conceito claro e decidido:

— A dona dos tempos idos, como chamas, só teve uma utilidade marcante: preparar, atravez das gerações, a obra-prima que é a mulher actual. Bemditas sejam as avôs que deram ao mundo as netas de agora!

— Mas... o espirito de sacrificio das antigas, aquelles insondaveis thesouros de abnegação, de heroismo...

— Nada disso se compara aos "records" de martyrios das nossas contemporaneas.

— Não comprehendo.

— E' simples. A vida da mulher moderna é uma successão de holocaustos. Ris? Vaes ter já a prova do sacrificio, a todas as horas, deante do altar da vaidade. O dia commum de uma elegante dos nossos tempos é constituido por um verdadeiro rosario de actividades corajosas. Ora, vê só. Ainda mal acordada, vem a massagista, que deve conservar inalteraveis as linhas e as fórmas. Segue-se o banho, que é uma pratica de demorada e saborosa liturgia. Depois do "breackfast", o tennis ou a praia, com ou sem immersão no oceano, mas misturando capitosamente as lourinhas e as moreninhas. A' uma hora, o almoço, rico de venenos. Telephone até ás tres. Cinema, ás quatro. De sahida, chá, ás vezes misturado com aperitivos, não raramente acompanhados de dansa. Mettem-se, de quando em quando, a manicura, o cabelleireiro, o dentista. A' noite, depois do jantar, um theatro, ou uma excursão de automovel, que ella propria dirige. E' pouco?

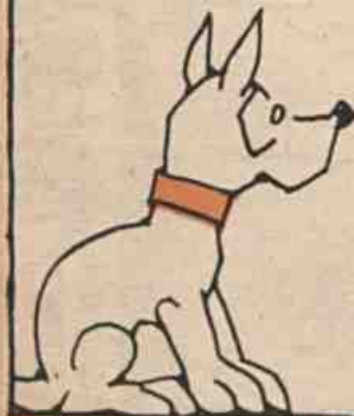
Houve um curto silencio. O outro, que ouvira a lição, ainda interrogou:

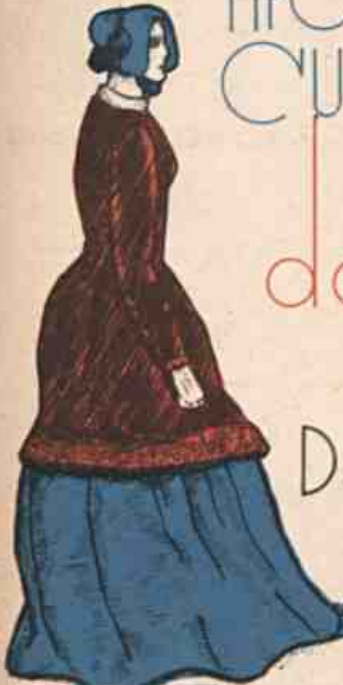
— E os filhos?

— Em casa, com a ama.

— E Deus?

— Na egreja, para a missa chic das onze e meia, aos domingos...

— O. K.

OSCAR LOPES

TIPOS E CURIOSIDADES DO RIO NO TEMPO DO IMPERIO

(ILLUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO)

OS Banhos Dreux, á rua do Ouvidor, eram famosos por suas duchas. Havia tambem os tradicionaes banhos da rua do Carmo, ainda hoje existentes, situados nos fundos da Capella Imperial, onde se pagava mil reis por cada banho quente. Outro estabelecimento desse genero era a chamada **Barca de Banhos,** no Caes Pharoux. — **Vá tomar banhos no Pharoux, que é do que o senhor precisa!** exclamava, da tribuna da Camara, o deputado Fernando Chaves, respondendo, de máu humor, a um aparte do seu collega Nunes Machado. Um commerciante de banhos, estabelecido na chacara de Dona Agueda, á rua de Matacavallos (hoje Riachuelo), annunciava: "Banhos frios de cachoeira corrente, a 200 reis cada um". Era pittoresco.

Outro commercio que desappareceu com a quéda da Monarchia foi o de desenhador de brazões e cartas de nobreza, traçadas geralmente em largas folhas de pergaminho, com arabescos e motivos heraldicos em volta. O mais procurado delles era Aleixo Boulanger, um francez que viera ha muitos annos para o Brasil, e fôra professor do Imperador, ao tempo de sua infancia. Intitulava-se "mestre de escripta e geographia da Familia Imperial", accrescentando que desenhava "conforme os appellidos"; compunha tambem "armas novas".

Um titulo de nobreza, que se chamava **carta de mercê,** não se obtinha sómente por empenhos e amizades com os Ministros. Custava tambem dinheiro, e não pouco, para o tempo. Havia para isso uma tabella, estabelecida pelo Thesouro. O titulo de Duque, que não coube, aliás, a mais outro senão Caxias, devia pagar de sello um conto de reis; o de Marquez, 800$000; o de Conde, 600$000; Visconde, com grandeza, 600$, sem grandeza, 400$000. O titulo de Barão custava 300$000.

Apesar da fonte de renda que representava, para o Thesouro, a concessão de taes titulos, não era ella feita a granel, como acontecia com as patentes da Guarda Nacional. Poderá ter havido, no fim do Reinado, um pouco de abuso na distribuição dos titulos de Barão, os quaes, todavia, não chegaram ao numero elevado que se diz. Mas o Imperador era geralmente cioso dessas concessões, e não deixava que os Ministros, por amizade ou interesse politico, se excedessem na distribuição dos titulos.

Para se vêr quanto ha de exaggero no que se repete hoje sobre isso, basta considerar o numero de titulares existentes nos ultimos dias do Imperio, depois de quasi setenta annos de Monarchia, relativamente bem pouco numeroso, excepção, talvez, dos Barões, concedidos geralmente a fazendeiros, senhores de engenho ou commerciantes nas grandes cidades. Assim, em 1889, contavam-se 7 Marquezes, 10 Condes, 54 Viscondes e 316 Barões. Duque, como já disse, só houve um, foi Caxias, fallecido em 1880.

Os filhos desses titulares, a creançada do tempo, que seria a geração chamada a occupar os primeiros postos nos annos que se seguiriam immediatamente á proclamação da Republica, educavam-se ou com professores particulares, como Tautphoeus, Abilio e pouco mais tarde Kopke, ou em collegios, estabelecimentos afamados pela disciplina, pelo rigor dos estudos, pela excellencia dos mestres. Para os meninos havia o celebre **Externato Aquino,** á rua da Ajuda, hoje 13 de Maio, na chacara chamada da Floresta; havia o **Atheneu Fluminense,** no Rio Comprido, que Raul Pompeia devia mais tarde celebrizar. Mas o principal delles, o mais tradicional, era já o **Collegio Victorio,** fundado por Victorio da Costa, em 1840. Estava situado á rua dos Latoeiros, (Gonçalves Dias). Começara a funccionar com 5 alumnos apenas, e depois, no fim de trinta annos, haviam passado por ali para mais de 10 mil. O externato custava 8$000 por mez, ou 96$000, por anno; o internato, 550$000 annuaes.

As meninas se educavam de preferencia no **Collegio de Botafogo,** dirigido pela Hitcings, ou no collegio da baroneza de Geslin, no Cattete. O internato custava 540$000 no primeiro, e 480$ no segundo desses estabelecimentos. Havia ainda o Collegio da Immaculada Conceição, dirigido pelas irmãs de São Vicente de Paulo, e ainda hoje existente, á praia de Botafogo. Regulava pelo mesmo preço do estabelecimento de Mme. de Geslin.

A educação que se ministrava nesses collegios era sobretudo moral. Havia empenho em fazer das meninas futuras "damas da sociedade". Ao lado do curso classico de humanidades, ellas aprendiam tambem trabalhos manuaes apropriados a filhas de familia, proprios de uma senhora, dizia um prospecto, taes como costura, crochet, trançados, bordado branco, matiz, ouro e froco, flores de papel, de panno e de couro.

Os hoteis eram então pouco numerosos e geralmente inconfortaveis. O brasileiro, quando vinha ao Rio, hospedava-se quasi sempre em casas particulares, de parentes ou amigos. Não se comprehendia mesmo que fosse procurar commodos nos hoteis, destinados, de preferencia, aos estrangeiros ou áquelles que não tinham relações na cidade. Para estes havia, entre outros, o Hotel de França, tradicional, dirigido por Mme. Chabrie, no Largo do Paço, afamado por sua excellente cozinha; o Hotel des Fréres Provençaux, á rua do Ouvidor, com entrada pela rua dos Latoeiros. Nessa mesma rua havia ainda o Hotel Ravot e o Hotel da Europa, este á esquina da rua do Carmo.

O Hotel dos Estrangeiros já era, porém, dos mais conceituados, situado onde ainda hoje se encontra, "em frente ao largo do Cattete", que é a actual praça José de Alencar. A diaria custava ali de seis a doze mil reis. "E' casa recommendavel — annunciava João Mayall, seu proprietario — e gosa de justa nomeada pelas suas magnificas accommodações e excellente serviço. E' a residencia de alguns membros do Corpo diplomatico estrangeiro. Tem bom piano. O mar fica-lhe proximo. Os bondes da Companhia Botanical Garden passam pela porta de entrada do estabelecimento".

Fóra da cidade havia, entre outros, o Hotel Aurora, na Tijuca, "com excellentes banhos frios, de chuva e de cachoeira". O quarto custava ali trinta mil reis por mez, dos quaes metade era paga adeantada, "salvo quando a pessoa fôr conhecida ou recommendada".

Os cafés abundavam. Havia o Alcazar, havia o Belle Heléne, ambos á rua Uruguayana, onde ficava tambem o Imperial, fazendo esquina com a rua do Ouvidor. Havia ainda o Café de la Paix, na antiga rua do Cano, chamada agora 7 de Setembro. Alguns desses cafés tinham serviço de restaurante. Uma chicara de café custava 60 reis; um copo de refresco, 200 reis; uma garrafa de cerveja, nacional, 400 reis, estrangeira — ingleza ou allemã — 1$ a 1$500 reis.

Almoçava-se das 10 ás 11 horas da manhã; jantava-se das 3 para as 4 da tarde. A's 8 horas da noite era servida a ceia, geralmente copiosa, que valia bem os jantares de hoje. Um almoço, nos principaes restaurantes, custava 1$500; um jantar, 2$000 — "com vinho da lista". Nos estabelecimentos mais modestos podia-se almoçar por 600 ou 800 reis, e jantar por 800 ou mil reis.

HEITOR LIRA

Braços que emballam berços e movem pequenas industrias

Uma saboaria ao ar livre

VELHINHAS sertanejas, que conheceis todas as historias de assombrações, de fadas, de genios bons e de genios maus, de bichos que pensam e agem como gente. Velhinhas sertanejas, que sois a chronica viva do paiz, a tradição que fala de bocca murcha, a experiencia e a ponderação. Esses braços magros e tremulos não sabem apenas emballar creanças: elles dão tambem o exemplo de resistencia e de trabalho, movendo as pequenas industrias desses logarejos perdidos no meio das mattas — fazendo bolos, rendas, sabão. Velhinhas sertanejas, que não conheceis a fadiga nem o repouso: o Brasil está moido de tanto soffrer, mas não esmorece nem se queixa, porque elle nasceu do vosso sangue, se nutriu do vosso leite e das vossas historias de valentias e magnanimidade, e tem deante dos olhos, todos os dias, a lembrança da vossa energia — feixe de ossos, de musculos, de nervos, de tendões que não pára, não cansa, não se abate.

Fazendo sabão

Ralando cidra

O CONVENTO DO

Um aspecto da parte posterior do Convento do Carmo e Ordem 3ª na Capital bahiana.

MUSEU DE ARTE SACRA E GRANDE RELICARIO HISTORICO

QUANDO a armada portugueza, commandada por Fructuoso Barbosa, aportou á Bahia em 1530, com ella vieram e ali desembarcaram alguns religiosos carmelitas lusos que trataram de fundar sua Casa que é o actual Convento do Carmo, verdadeiro monumento historico e museu de arte pelas raras preciosidades que encerra.

Nada ali é destituido de valor, desde a grande nave central do templo á sua magestosa sacristia, a mais bella do paiz, ornada de trabalhos de "talha" dourada, estylo barrôco primitivo. As paredes ostentam preciosos azulejos e os paineis, a oleo, do tecto são obras de esmerado cunho artistico.

São admiraveis as esculpturas das imagens, salientando-se o fino lavor do Christo na Cruz em bronze, a tri-secular imagem do SS. Coração de Jesus do Monte e a bella imagem do Menino Jesus que está nos braços de Nossa Senhora do Carmo, sobre a qual se conta a lenda de ter morrido a creança que serviu de modelo ao artista Chagas-Cabral, no mesmo dia em que foi benta a imagem.

Os escriptores Mello Moraes, grande folk-lorista bahiano, e Manoel Quirino se referem a esta lenda nos seus livros: "O Brasil Social e Politico" e "Artistas Bahianos".

Na sumptuosa Capella-Mór da sua igreja, toda tambem esculpida em "talha dourada", admiram-se o sacrario, o frontal e a banqueta de prata lavrada no anno de 1732. De prata são tambem os gigantescos tocheiros ou candelabros do presbyterio da Capella-Mór, pesando cerca de cem kilos.

Sob as grandes lages da referida capella repousam os ossos de inesquecidas figuras da nossa historia patria, como Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque, filho de Bernardo Vieira Ravasco, fallecido em 1725, e os do irmão do Padre Antonio Vieira, heroico defensor de Itaparica ao tempo da invasão hollandeza. No sub-solo da Capella de N. S. da Piedade jazem tambem os depojos do bravo fidalgo italiano Marechal de Campo Giovanni Vincenso Sanfelice, o celebre Conde de Bagnuolo, que tomou parte brilhante nas lutas contra os hollandezes na Bahia.

Religiosamente conservadas se vêem a tribuna onde prégava o insigne orador sacro e carmelita bahiano Frei Eusebio da Soledade, discipulo e emulo do Padre Antonio Vieira, e irmão do apreciado poeta satyrico Gregorio de Mattos; a cadeira em que se sentava Dom João VI, quando assistia, do côro da igreja, aos actos religiosos, assim como tres artisticos lustres ou lampadorio de bronze dourado, tendo como remate a corôa real lu-

Cadeiras de jacarandá do Côro da Capella-Mór, no tradicional convento bahiano.

CARMO DA BAHIA

sitana, pertencentes a um dos palacios reaes de Portugal e doados ao Convento pelo proprio rei D. João VI, que de lá os trouxe quando veiu para o Brasil.

São inestimaveis de valor artistico e intrinseco os riquissimos paramentos bordados a ouro em alto relevo, e dos seculos XVI e XVII, alfaias e vasos sagrados de ouro e prata, sem se falar em antiquissimos e valiosos documentos historicos conservados carinhosamente no vasto archivo do Convento. Em primorosos relicarios estão as authenticas reliquias de Santos martyres da Igreja, como sejam Santo Alberto, carmelita, Santa Aurelia e Santos Bonifacio, Clemente, Fortunato, Tranquillino, Liberato, Constancio, Colombo e Theodoro.

Convento do Carmo — A fachada em concerto, antes dos grandes festejos religiosos do Congresso Eucharistico.

O Convento desempenhou importante papel ao tempo do Brasil colonial no trabalho da diffusão da fé catholica, partindo delle intrepidos missionarios que se internavam pelos sertões ou subiam o Rio Negro até os confins do Amazonas na catechese aos selvicolas, fundando aldeias, plantando o germen da civilização e instituindo a moral christã.

O velho Convento do Carmo foi o baluarte da defesa da Bahia quando da invasão hollandeza, organizando-se ali a resistencia sob a direcção do proprio e valoroso Bispo Dom Marcos Teixeira.

O convento era então uma verdadeira fortaleza inexpugnavel pelo valor dos seus soldados, entre os quaes estavam os monges carmelitas.

Quando o transformaram em quartel general das operações de guerra ao hollandez calvinista, ahi se alojaram as tropas de combate com as suas baterias de canhões sob as ordens do capitão-general de terra e mar Dom Fradique de Toledo Osorio, Marquez de Villanueva de Valduega. Em uma das suas salas foi assignada a capitulação dos hollandezes derrotados, acceitando todas as condições impostas pelo victorioso capitão-general, em 30 de Abril de 1625.

Ainda nesta mesma sala historica, duzentos annos depois, ou seja em 1.° de Dezembro de 1828, se reuniu a primeira Assembléa Legislativa da Bahia.

Em uma galeria subterranea do Convento, e estrategicamente fortificada, foram, ha pouco tempo, encontradas armas antigas e munições que serviram na defesa da cidadella contra as hostes hollandezas, em avultado numero.

No silencio e na solidão dos seus claustros severos, parece que ainda perpassam as sombras dos carmelitas que deram sua vida em holocausto á Patria, morrendo pelo seu ideal de independencia e liberdade, como o heroico Padre Roma, o bravo pernambucano Frei Caneca, Frei Brayner, o heróe de Pirajá, o inolvidavel Padre Miguelinho e tantos outros.

Alumnos da Escola Apostolica, fazendo exercicios no Claustro, no Convento dos Carmelitas bahianos.

Hoje o vetusto Convento vive tranquillo na evocação das suas glorias passadas, tendo como seu fiel e zeloso Guardião esse espirito cheio de fé e amor á terra do Brasil que é Frei André Maria Pratt.

Não repousa, entretanto, sobre os louros colhidos. Continuando a tradição dos seus maiores, o velho Convento serve de seminario e escola onde se formam e encaminham as vocações dos nossos jovens patricios, futuros missionarios, continuadores da grande obra da Ordem Carmelitana no Brasil.

EM MEMORIA DO REI ALBERTO

DAS homenagens prestadas á memoria do Rei Alberto I no Brasil foi evidentemente, a dos nossos illustres collegas de "O Globo" uma das mais tocantes.

Promovendo as solemnes exequias no maior templo da cidade, aquelle vespertino interpretou ao mesmo tempo os sentimentos catholicos do paiz e a admiração collectiva pelo heroico Rei-Soldado que encheu a historia deste seculo com o fulgor da sua intrepidez.

As nossas gravuras representam aspectos da imponente cerimonia na Candelaria, vendo-se numa dellas S. E. o Cardeal D. Leme e o nosso confrade Dr. Roberto Marinho, director de "O Globo".

Do passado ao futuro

Por BERILO NEVES **ILLUSTRAÇÃO DE THÉO**

O propheta é um homem, geralmente sem futuro, que se emprega em descobrir o futuro dos outros. O propheta é meteorologista da alma. Em vez de chuvas e trovoadas, prevê viagens e casamentos. A differença está em que, quando se espera um casamento, vem uma trovoada — e, quando se conta com uma trovoada, sahe uma viagem...

—o—

O presente é um passado que está andando. O passado é um presente... de grego.

—o—

O futuro é o que ainda não é... O futuro é uma hypothese particular — e depende da imaginação de cada um.

—o—

O melhor presente que se póde offerecer a uma mulher passada é... um futuro, sem perguntas indiscretas...

—o—

Os prophetas e as pythonizas são pessoas que garantem o seu presente á custa do futuro alheio...

—o—

Nada mais claro do que o futuro de certas mulheres cujo presente é mysterioso...

—o—

E' muito mais arriscado falar do passado de uma mulher do que do seu futuro. Os maridos, sobretudo, são sujeitos que, por via de regra, detestam a historia retrospectiva...

—o—

O passado é um presente que morreu. O presente é um futuro recem-nascido...

—o—

O melhor meio de assegurar um bom futuro é receber bons presentes por conta do passado...

—o—

Os prophetas usam barbas longas porque as pessoas credulas percisam de se amparar a alguma cousa... A barba dos prophetas é geralmente a unica realidade visivel...

—o—

Nunca se é infeliz por ignorar alguma cousa. A dôr nasce do conhecimento. Por isso é que eu detesto os prophetas e os adivinhos...

—o—

As mulheres esquecem facilmente o passado e crêm pouco nas promessas do futuro. Nada lhes agrada mais do que o presente e os presentes...

Na verdade, a arte de recordar é muito semelhante á arte de evocar os mortos...

—o—

A memoria é o cemiterio das almas. A saudade — a musica das cousas mortas...

—o—

No fundo de toda tristeza que não se explica existem um facto ou uma pessoa que não morreram de todo, dentro do passado...

—o—

As mulheres e os adivinhos vivem da necessidade, que nós temos, de viver enganados...

—o—

Diz-se que **ninguem é propheta na sua terra.** Grande verdade! Os prophetas não têm patria: precisam estar sempre mudando de terra... emquanto não se descobre a falsidade das suas prophecias...

—o—

A realidade mais interessante é, precisamente, a que nunca se realiza...

—o—

O amor é um sentimento necrophago. Alimenta-se de saudades — que são sensações defuntas...

—o—

Acreditar nas mulheres é como acreditar nos prophetas: acerta-se uma vez em mil, apesar dellas...

—o—

Afinal, o futuro é um presente á distancia — e a felicidade, uma fórma sentimental de ser futuro...

—o—

Esperar a felicidade é uma maneira elegante de perder o tempo...

—o—

Contar com o futuro é sacar, a descoberto, contra o Banco da Eternidade...

—o—

A realidade é a moeda ouro das cousas. A esperança é uma nota falsa, que só serve para desmoralizar os que acreditam no futuro e nas suas promessas mentirosas...

—o—

O futuro não tem nenhuma obrigação de existir...

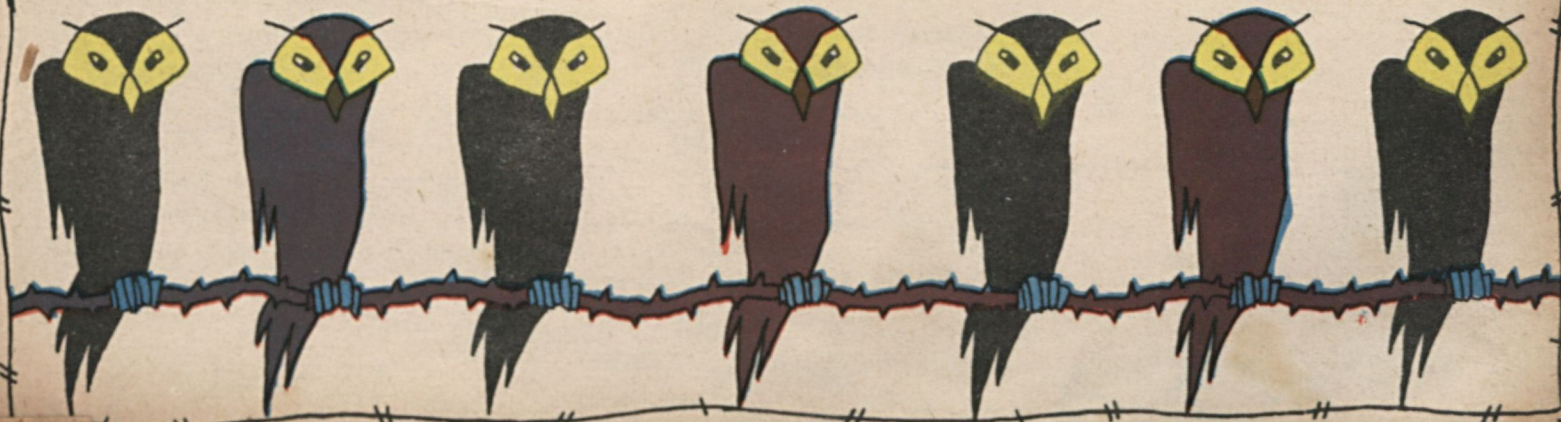
—o—

Um homem morto é um homem sem futuro. Uma mulher sem futuro é uma mulher morta para o presente.

—o—

O nada é um buraco, cheio de treva, onde os homens e os acontecimentos cahem do mesmo modo, isto é — sem ruido...

—o—

A treva é um modo impalpavel de ser nada...

"CARNE E ALMA" UM NOVO LIVRO DE GILKA MACHADO A MAIOR POETISA DO BRASIL

Sagrada pelos nomes de mais serias responsabilidades na nossa litteratura contemporanea a maior poetisa do Brasil, no memoravel concurso de O MALHO, Gilka Machado mereceu realmente os louvores que ha muito envolvem a sua gloria. Agora, mais uma vez, ella offerece ao paiz as fulgurações do seu alto e nobre espirito, com um livro em que estão todas as facetas do seu genio, toda a riqueza de rythmos com que ella canta os multiplos sentimentos humanos diante dos espectaculos da vida.

"Carne e alma" é esse livro que acaba de apparecer com o mesmo successo que marcou os anteriores, desde "Cristaes partidos" até "Meu glorioso peccado". Ha nas suas paginas os eternos anceios da carne que se não materialisam, os idealismos que se desdobram ao infinito, como se de uma alma fossem sahindo ininterruptamente outras almas.

Este poema "Para o outro eu" diz bem dessa modalidade:

> Minha voz
> teve lampejos de laminas
> aos teus silencios.
> Sou a suprema tentadora,
> em minha forma inattingivel
> Materialiso o pensamento.
> Passarei por tua vida
> como a idéa por um cerebro:
> dando-me toda sem que me possuas.
>
> Longe de mim,
> és a Belleza sem a arte,
> a Poesia sem a palavra;
> longe de mim sei que te não encontras,
> sei que procuras inutilmente
> defrontar o teu eu
> no crystal de outras almas,
> porque te falta o fiel espelho
> da minha extranha sensibilidade.

Os deslumbramentos da Natureza inspiram-lhe as estrophes de "Aspiração" em que a mesma anciedade se manifesta:

> Eu quizera viver cantando como as [aves,
> em vez de fazer versos,
> sem poderem assim, os humanos per- [versos,
> interpretar
> perfidamente o meu cantar.
> Deante de uma paisagem verdejante
> deante do céu, deante do mar,
> esta minha tristeza,
> por momento, se finda,
> e desejo viver, soffrer a vida ainda.
> e fico a meditar:
> como os homens são máos e como a [terra é linda!

* * *

Mas Gilka Machado não parou neste livro. Um outro, mais novo ainda, dirá em breve, e em novas formas de belleza, dos seus enthusiasmos e das suas melancolias. Qual o seu titulo?... Não importa sabel-o. Basta que se saiba que ha nelle poemas soberbos como "Na manhã de crystal", que é uma das maravilhas poeticas do nosso idioma, e que pela sua philosophia será grande em qualquer lingua; "Demonio branco", que é outro primor de inspiração; "Enamorados", "Samba", "Quarta feira de cinzas", emfim uma serie de admiraveis composições modernas na liberdade de rythmos, na harmonia do pensamento, na profundidade da sua emoção.

Má Sina

Por Lucilo Varejão

JUNTO a um combustor, Luiz Gonzaga parou ainda um instante a reler, de olhos incendidos, aquellas linhas que desde a vespera, á tarde, quando as recebera, lhe estracinhavam a alma.

Não, não podia ser mentira. Havia muito já que elle notava na mulher esse aborrecimento e essa impaciencia que denunciam a imminencia de uma traição.

Ultimamente, então, tornára-se ella de tal fórma intratavel que ás suas mais insignificantes perguntas respondia com reviretes, grosserias, ameaças.

Era, pois, verdade o que lhe dizia aquella carta. Escrevera-a sem duvida algum amigo que a sua bondade creara no quartel.

E embrulhado sinistramente no seu capote de guarda nocturno, Gonzaga metteu ainda uma vez deante dos olhos o papel amarrotado. Lá estava a denuncia cruel, escripta com uma sinceridade que não deixava duvida:

"Si quer saber quem é a mulher que ha tantos annos o acompanha, regresse um dia de madrugada, em vez de fazel-o pela manhã, como costuma".

Ahi, uma onda de sangue escureceu a vista de Luiz Gonzaga; e na madrugada que enlividescia, elle teve a noção exacta da desgraça a que o seu destino o arrastava. Pois que fosse. Si era destino, por mais que fizesse, não havia meio de evital-o. E depois, não lhe ficavam bem, como homem, aquellas acedias de energia.

E caminhando, todo tropego, pelo passeio da rua erma, Gonzaga comprimia a coronha do revólver, com uma raiva surda a maltratar-lhe o cerebro — uma raiva de tudo, de todos, de si proprio. Sempre fôra desgraçado. Naquella profissão mesmo, que abraçára desde a mocidade, apesar de actuoso e obediente, jamais conseguira uma fita. Os seus superiores queriam-lhe sempre mal. Já fôra preso até. E para completar a desgraça, o filho, unico e querido, déra de tal fórma em roubar que se vira na contingencia de expulsal-o de casa.

Recordando então este incidente, Luiz Gonzaga reviveu toda a scena desse dia distante em que tivera, por suas proprias mãos, de atirar á porta o filho, e as lagrimas da mãe que tanto o queria e se não podia acostumar a viver sem elle.

Emaranhado nessas recordações, levava por vezes a mão á gorja, como se quizesse afastar um hypothetico baraço.

O casario decrepito da rua tinha agora, aos seus olhos, saliencias intimidantes; uma igreja, no fundo do scenario, parecia-lhe uma sombra macabra na luz roxa do amanhecer; e, ás vezes, o apitar gorgolejado dos companheiros, entrecruzando-se á distancia, sobresaltava-o, acceleraya-lhe o bater das arterias.

Então parava, levava por vezes o apito á bocca, numa resposta raivosa. E continuava a caminhar, todo curvado, como se um tenebroso pensamento o attraisse para dentro de si proprio.

De subito parou, admirado. Sem saber como, tinha andado até á rua em que morava.

Já, então, a manhã clareava; vagas carroças passavam rolando para o mercado; ouvia-se o campainhar dos primeiros electricos.

Luiz Gonzaga teve de se arrimar á parede, de suffocado; o coração batia-lhe tão desordenadamente que se diria querer sair-lhe pela bocca.

Esteve ainda um instante a olhar estupidamente uns restos de sombra que se arrastavam por baixo das arvores achaparradas dos passeios de granito.

Agora era uma incerteza dolorosa que o fazia indeciso. Si tudo aquillo representasse uma calumnia, a vingança de alguem que fôra repellido por sua mulher?

Plantou-se-lhe no cerebro abrasado a imagem della, tão santa e tão pura. Não acreditava, não podia acreditar naquella falsidade.

Era tão desorientadora, tão abjecta a suspeita, que chegou um momento a repellil-a como uma affronta.

Mas sentiu qualquer coisa na mão convulsa: era a carta.

Não: precisava de conhecer a verdade, toda a verdade — fosse lá como fosse.

Deu dois passos incertos, continuou a caminhar, num cambaleio de ébrio.

Afinal, galgou a porta da escada.

Mas então veiu-lhe de novo a vergonha da propria acção. Quiz retroceder e sem saber por que, seguiu. Uma lampada ardia no corredor. Luiz Gonzaga foi andando pé ante pé, até ao corrimão da escada.

Ahi, dissolvido na sombra, ficou, o coração aos trancos, as arterias a latejarem-lhe com violencia, a mão tremula sempre no cabo do revólver. Mas, nada. Lá longe, na calma da cidade ainda adormecida, um sino deu horas. Depois, lentamente, tocou uma corneta.

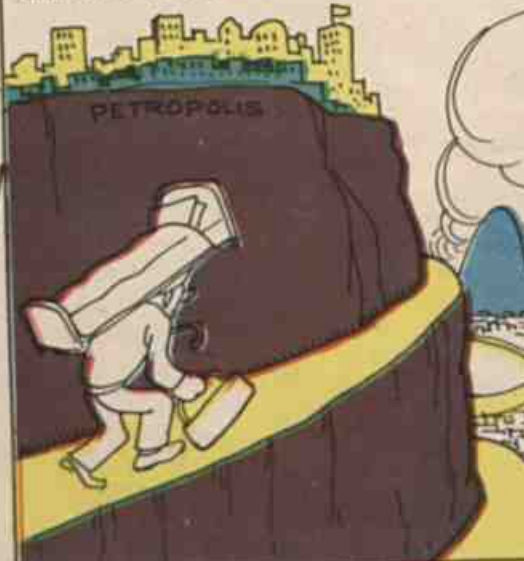
Luiz Gonzaga, impaciente, accendeu um cigarro, puxou o relogio: eram quatro horas.

E voltando a considerar, convenceu-se de que fôra victima de uma infamia. Passou se meia hora. Passou-se uma hora. Luiz Gonzaga acabou por concluir que o haviam embahido. E dispunha-se a sahir, já envergonhado, quando percebeu passos cautelosos de alguem que descia. Aperrou o revólver. Esperou.

Os passos, agora, eram mais firmes. Um carroção passou rolando, fóra, no asphalto da rua.

E emfim Luiz Gonzaga póde ver, á claridade incerta da lampada, um vulto que procurava a sahida. Uma nuvem cegou-o. Puxou o gatilho da arma. A carga partiu. E um grito, que elle reconheceu de prompto, feriu-lhe o ouvido, emquanto a sombra cambaleante foi cahindo até ao passeio.

Luiz Gonzaga seguiu-a. Curvou-se sobre ella. Queria ver-lhe o rosto, já doido por uma suspeita tão grande que o fazia esquecer o proprio crime. E lá fóra, á luz da manhã, Luiz Gonzaga teve outro grito, maior, mais humano, mais doloroso. Era seu filho.

ACREDITEM OU NÃO...
POR STORNI
"O rei heróe da Belgica rolou no abysmo. A quéda mortal o elevou ainda mais no conceito mundial. Outros heróes de fancaria cahem no abysmo e... não morrem!... De vez em quando reapparecem!
LE VIEUX BONDIEU
O mendigo millionario Paulo Prado foi achado desmemoriado... Naturalmente não reconhecerá mais os "companheiros" que irão recordar-lhe a velha camaradagem do... Presidio.
O Brasil tornou-se agora um Asylo de desmemoriados. Temos o de Collegno, o Paulo Prado... e muitos outros, e outros!...
ASYLO DOS DESMEMORIADOS
A França, cansada de tantas mudancas de gabinetes e saturada de Stavniskys, quiz fazer uma rentrée monarchista. Deu o golpe
BASTILHA
MONARCHIA
errado, e a Bastilha não foi reposta... felizmente.
Na Austria, o "meia garrafa" Dolfuss não tem sôpa: é ali na forca!...
Hitler está assombrado com tanta cru-
eldade, elle que não matou ninguem e que fez o seu "fascismo" com polvora secca!...
O mundo se congrega em "ligas" de defesa commum. O exemplo sul americano do Brasil e Argentina está ligando...
LIGA BALKANICA
LIGA ASIATICA
A exportação da laranja brasileira está augmentando consideravelmente...
O mundo agora está passando a pão e laranja...
LARANJAS
A mudança da Capital da Republica para Petropolis é uma idéa vencedora.
Os principios avançados dos nossos estadistas encontrarão o ambiente adequado no alto da serra, por causa do... "russo".
PETROPOLIS
Cogita-se de fazer um Carnaval em Setembro. E' um bom negocio para a industria do turismo, e o carioca é como aquelle
macaco da anecdota: Elle quer é gosar!...

O JAPÃO PARAISO DAS SOGRAS

HENRIQUE PAULO BAHIANA

ESPECIAL PARA "O MALHO"

CONTA-SE que certo magistrado europeu, ao julgar um individuo accusado de bigamia, voltou-se para um collega, indagando da pena maxima susceptivel de ser applicada no caso, respondendo-lhe o collega, algo esquecido dos artigos do codigo — e certamente casado — que castigo peor não haveria do que o de aturar duas sogras. E presume-se que o magistrado absolvesse o criminoso.

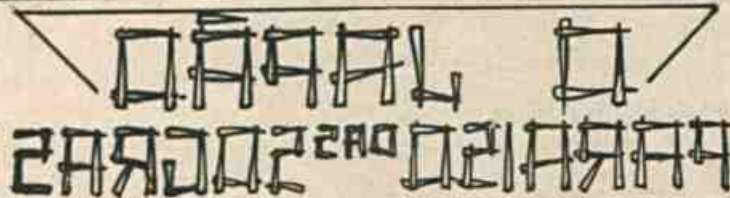
A sogra, com effeito, parece ter sido em toda parte e em todas as épocas um dos maiores flagellos da humanidade. O seu papel, porém, póde ser considerado altamente meritorio, já que tende a nivelar, pelo soffrimento, os homens de todas as raças, de todos os paizes e de todos os tempos.

No Japão a sogra inspira ainda mais receio do que no Occidente, mas com a differença de que aqui é o marido que receia a sogra, emquanto que no Japão é a esposa.

O termo equivalente a esposa não existe propriamente na lingua japoneza, costumando-se empregar em seu lugar a palavra yomé (nóra). A mãe, por exemplo, não diz que vae escolher esposa para o filho, mas sim uma nóra para elle. De um modo geral não se diz que um homem tem esposa e sim que tem nóra.

No matrimonio ficam esquecidas, como secundarias, as relações entre esposo e esposa, para persistir apenas uma noção — a nóra — a invocar logo outra — a sogra — suggerindo ao pensamento a completa submissão que a nóra deve á sogra e a serie de vexames que supporta resignadamente.

Póde-se quasi dizer que o programma nupcial da mulher japoneza resume-se em prestar absoluta obediencia á sogra, não infringindo jamais as suas ordens, nem lhes fazendo a minima objecção ou critica.

A sogra dá os ultimos retoques na toilette da filha antes do pedido de casamento.

A sogra, sempre rabujenta, impertinente e despotica, apraz-se em interminaveis manifestações do seu mau humor. Por exemplo, emquanto a nóra prepara o jantar, sob a sua vigilancia, não deixa de resmungar, queixando-se de tudo, achando tudo mal feito e pouco saboroso.

Preside as refeições, cabendo-lhe o encargo de dividir os quinhões e de distribuil-os. Serve — bem entendido — a nóra em ultimo lugar, reservando-lhe o peor pedaço.

Ha um proverbio que diz: **Kochi no atama yomé ni kawase**, isto é: "Offerece-se á nóra a cabeça do kochi". Ora, o kochi é um peixe succulento, mas de cabeça chata e constituida só de escamas e espinhas. Todos têm o direito de regalarem com a excellente carne do peixe, excepto a nóra, a quem a sogra entrega a cabeça do **kochi**, absolutamente imprestavel.

Outro proverbio, muito conhecido, diz: **Aki nasubi yomé ni kuwasu na**, o que significa: "Não se dá á nóra a beringela do outomno".

Acontece que a beringela, abundante no verão, constitue alimento vulgar do povo. No outomno, porém, escasseia, tornando-se um legume caro, de que todos provam, menos a nóra, a quem nem é offerecida.

De noite, a sogra, que soffre de rheumatismo, como todas as sogras do mundo, estira-se na esteiras e, emquanto lê ou fuma, a coitada da nóra, exhausta após um dia de incessante e penoso trabalho, é obrigada a fazer-lhe massagens, esfregando-lhes as carnes flacidas, durante horas e horas.

Parece-nos extraordinario que as nóras continuem desempenhando o seu papel de verdadeiras escravas sem nunca se lamentarem ou protestarem. O motivo, porém, de sua infinita resignação está no facto de terem sido durante longos seculos disciplinadas á uma existencia de dedicações e sacrificios, que as acostumou a considerar naturaes e harmonicas as suas funcções no lar.

Longe de ser taciturna, vingativa ou bruscas de maneiras, em protesto ás condições em que se encontra, a japoneza é, pelo contrario, o sorriso em pessoa, a doçura, a meiguice, a cortezia, a bondade, uma especie, emfim, de anjo budhista, descido ao Japão, para espargir a paz, a alegria e a felicidade.

Apesar de uma certa evolução nos costumes e habitos do paiz, a sogra continda sendo a mesma. Ha apenas uma occasião em que ella sahe fóra das normas que se impoz. E' quando nasce o primeiro menino da nóra. A velha se rejubila sinceramente e conclue afinal que a nóra sempre presta para alguma coisa.

Ha um aphorismo que diz: **yomé mo shutome to naru**, isto é: "tambem a nóra será sogra".

E é esta a unica compensação que a pobre nóra japoneza encontra para o seu martyrio: ser sogra, por sua vez.

O' Japão, Paraiso das Sogras!

Os noivos estão fazendo á troca das nove taças de "saké" — cerimonia principal do casamento japonez. A noiva usa pela ultima vez o penteado "Takashimada", symbolo de que estava compromettida e equivalente nipponico da alliança de noivado.

ILLUSTRAÇÃO DE JORGE BASTOS

A TRAGEDIA

ALLI vivia elle.

Arrastava a vida, pesada e rotineira, com a resignação de quem ainda não viveu. A paralysia cortara-lhe o vôo pleno dos 17 annos, e sentara-o naquella cadeira immovel e cynica.

Seu retrato é banal: pequeno, franzino e pallido, seria um typo vulgarissimo se não fossem seus olhos extranhamente grandes, sombrios e impressionantes. Toda sua vida, concentrando-se no olhar, destacava-se na lividez da face, tão brilhante, que lembrava a caveira com as cavidades dos olhos illuminadas por uma flamma ardente. Elle vivera pouco, ou antes nada vivera, e qualquer cousa faltava-lhe agora nesta inercia: — uma recordação. Porque mais triste que viver de saudades é viver sem saudades; e elle nada tendo que lhe suavisasse o presente, não podia alimentar sonhos no futuro tão incerto. Seu unico desejo era ler. Devorava os livros que o pobre pae lhe arranjava com grande sacrificio, com uma ansia que trahia a febre de descobrir algo sobre a vida, sobre o mundo que para elle se limitava ao quadrado de sua janella. E estas leituras haviam-no tornado um melancolico ironico e um sceptico triste; elle era como um Robinson, que, embora desesperasse de avistar uma vela no mar, sabia que as nuvens que avistava no céo eram velas que o conduziriam a um porto certo.

Deleitava-se com os versos descrentes de um Byron ou Musset, e emocionava-se deante da mais candida pagina de Lamartine.

Enthusiasmava-se com a satyra mais mordente do escriptor de "Dom Casmurro", do mesmo modo que apreciava o lyrismo mais fantasista do creador de Cecilia.

E assim, com o espirito embryonario mas culto, a alma joven mas triste, elle via os dias escorrerem, monotonos, sempre com o mesmo fundo ennervante de rotina.

Certa vez, lendo Musset, elle se deteve e ficou scismando. Aquelle trecho impressionara-o: "Aime et tu renaitras"... Ama e renascerás... Que seria o amor? Havia uma tal variedade delles nos livros que lêra...

O amor-amisade... Stendhal.

O amor-puro... Saint Pierre.

O amor-bestial... Zola.

O amor-incesto... Byron.

Quantos!... Qual seria o verdadeiro?... E seu sorriso ironico parecia dizer: "Nenhum".

Todavia... chegou-lhe o dia.

Sua casa, em Nictheroy, era um pouco retirada; e da janella onde elle eternamente vivia, além da Natureza, ainda um tanto vigorosa em torno, viam-se, na rua que passava alguns metros á frente, a linha de autos, e o movimento, aliás pouco intenso, de trafego.

Quando seu olhar descansava do livro, fitava esse trecho do mundo, o unico que podia fitar, e scismava naquelle movimento quotidiano e nas expressões luzidas de interesse ou amortecidas de fadiga e pensava que só elle não tinha interesse nem fadiga...

Estava assim, um dia, a olhar distrahidamente este pedaço de rua já tão

IGNORADA

CONTO DE
Antonio Carlos Callado

visto, quando divisou na esquina uma silhuetasinha gentil de menina-moça, levando sob o braço uma pasta, a pelle dourada pelo sol, destacando-se no vestido branco a boina negligente sobresahindo no cabello louro, com essa graça da moça moderna que vive no seculo da saude e da praia... E elle a viu tomar o auto, e ficou um momento a olhar vagamente para a esquina, até que retomou o fio da leitura.

No emtanto, á noite, custou-lhe a conciliar o somno, e, pela manhã, vira as ultimas estrellas empallidecerem no velludo roseo da aurora, e o sol cravar-se no setim de ouro do dia, derramando petalas douradas, que rebentavam nas grimpas do arvoredo, "o gorgear do dia"...

E isto parecia-lhe mais limpido, mais novo, elle só conseguiu iniciar a leitura, depois de esperar ansiosamente, e avistar, afinal, a figurinha do dia anterior.

Elle não sabia explicar o que sentia, porém principiava a encontrar mais encantos em Lamartine ou Alencar, do que em Byron ou Machado de Assis...

E' que agora elle comprehendia o sentido daquelle trecho de Musset: "Aime et tu renaitras"... e elle amou e renasceu. Amou, mas o seu amor foi um amor novo.

Não foi o amor de Stendhal.

Nem o de Saint Pierre.

Nem o de Zola.

Nem o de Byron.

Foi mais o amor de Pery.

Elle amava aquella figurinha, como um prisioneiro ama o cantinho de céo azul que divisa do carcere. Elle não pensa em possuir aquelle céo; mas é ali que elle encontra um balsamo para as suas penas.

Para elle só alli ha nuvens, ha sol, ha lua e ha estrellas. Mas o encanto de tudo isso avulta, cresce e domina-o. Se o persegue o pensamento negro do suicidio, aquelle sol dá-lhe um raio de alegria e uma promessa de liberdade. Se elle chora um amor, abandonado em flor lá no rincão longinquo, a lua empresta-lhe um clarão de amor e uma esperança de beijos; e se elle chora, as estrellas puras e nevadas, no azul profundo do céo, parecem-lhe lagrimas irmãs das suas... E elle ama aquelle pedacinho de céo, mais do que qualquer homem jamais amou a infinidade maravilhosa de todo o firmamento.

E foi assim que o paralytico amou aquella desconhecida que fel-o viver sob estrellas de alegria e vida, e sob borrascas de dôr e morte...

Desabrochava um viçoso dia de Maio. As acacias amarellas punham na aquarella da manhã franjas de ouro novo, e o sol como um chuveiro de luz, dava um banho vivificante nos musculos da Natureza que despertava.

E á hora de sempre, appareceu a heroina desse romance ignorado; porém... vinha acompanhada.

A seu lado, um rapaz com o sorriso confiante dos fortes, conversava alegremente. O paralytico estremeceu na cadeira e sentiu uma angustia dolorosa comprimir-lhe o peito. Mas forçando um sorriso disse a si proprio: "E' hoje só"...

Mas no outro dia tambem foi assim... e no outro... e no outro.

E o cantinho de céo, pontilhado, começou a matar o prisioneiro.

O rosto do rapaz afinou-se mais, e os olhos mais do que nunca brilhavam na lividez da face.

E elle, egoista em sua dôr, não via a de seu pae, surda e terrivel, acompanhando como uma sombra aquella marcha subita e estonteadora para a morte.

O dia do primeiro beijo dos namorados no cantinho florido daquella rua foi o dia da primeira hemoptyse no canto sombrio daquella casa.

E os mezes correram... Manhãs alvas como véos de noiva e poentes rubros como beijos decorreram para o par que noivava...

Manhãs alvas como mortalhas e poentes rubros como sangue decorreram para o joven que morria...

E a vida foi andando em torno daquella tragedia ignorada, cujo epilogo foi o cruzamento, na rua, daquelles dois carros floridos.

Num, ia um par sorridente, cercado de botões de laranjeira; noutro, um caixão solitario, cercado de goivos e saudades.

Ambos levavam flores; só havia differença nas côres...

Os Estados Unidos encontrarão, afinal, concurrentes?

TOMA a cinematografia na Inglaterra rápido impulso parecendo que como acontece já com as edições francezas da Paramount um interesse de caracter especial vae-se desenvolver em todo o mundo pela maneira dessa produção diversa da americana, porque sofre a influencia da civilisação e do ambiente europeo, não para se apegar a velhas formulas como até ha pouco mas para emprestar-lhe um brilho e um fundo sentimental e filosofico que asseguram ao espetaculo um sabor novo. E' o que nos assegura o noticiario cinematografico de todo o mundo inclusive dos Estados Unidos e o que nos dizem as fotografias que a reclame anda espalhando.

E' da Gaumont-British Picture Corporation o material que ilustra esta pagina. Jane Cornell a estrela mais nova da Gaumont-British está fazendo rapidos progressos e como se vê é uma linda creatura.

Filma agora *A ninfa constante*, versão sonora da celebre novela de Margaret Kennedy que Basil Dean executa nos studios de Shepherd's Bush.

A cena de *Aunt Sally* aqui tambem reproduzida diz da beleza dessa pelicula que sairá dos studios de Gainsborough, filial de Gaumont-British, e tem como estrêla Cicely Courtneige uma das mais graciosas atrizes inglezes: Joyce Kirby, com Pamela Ostrer, Gwyneth Lloyd e Jane Cornell pertence ao grupo das jovens estrêlas da Gaumont-British e é uma beleza autentica servida por uma graça absoluta.

Que venham, pois, os filmes de Gaumont-British!

Jane Cornell

Joyce Kirby

Uma scena de "Aunt Sally".

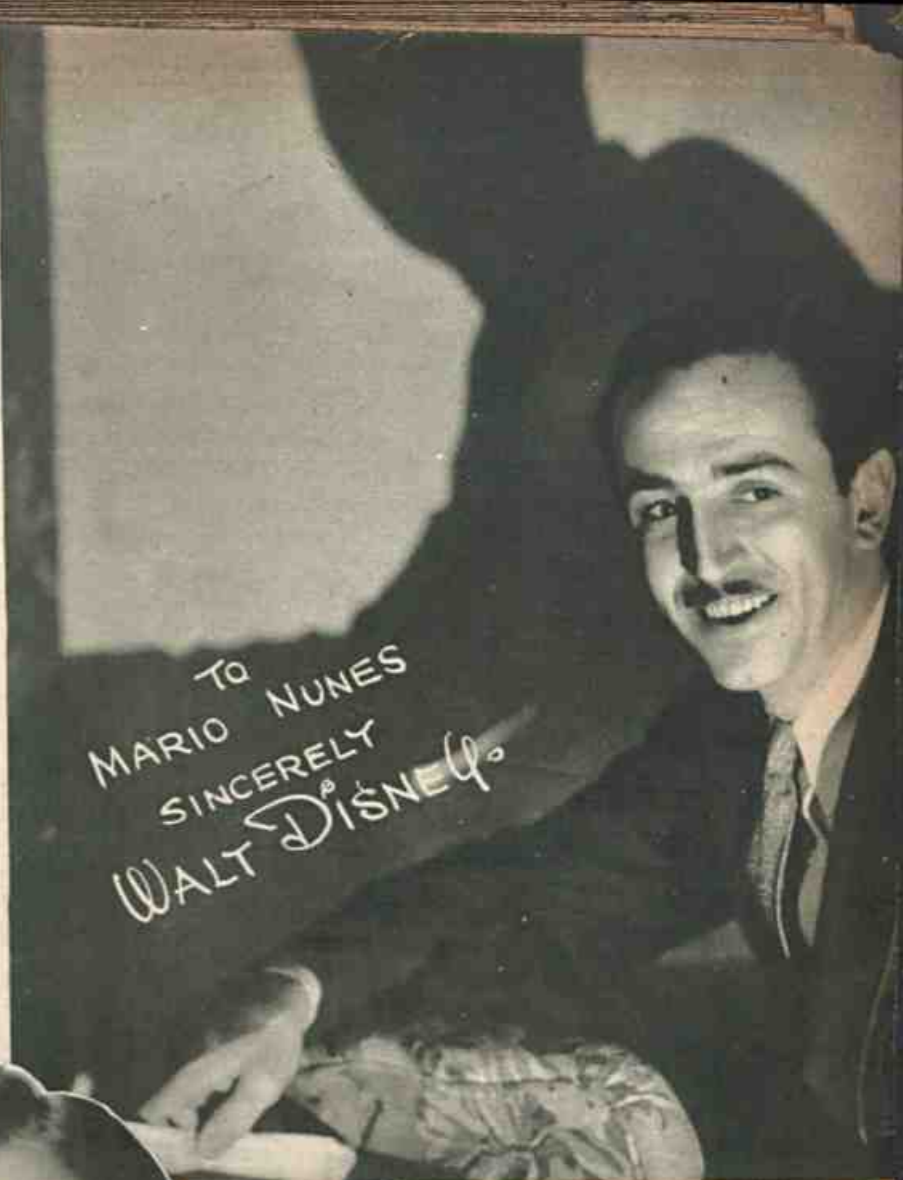
Walt Disney

Enrique Baez

A vez e a voz da United

D. ENRIQUE BAEZ é um principe, um principe pelo trato fidalgo, pela maneira de receber a gente e até mesmo o agente... de publicidade. Acaba de regressar dos Estados Unidos onde foi apreciar de *visu* a produção magnifica que como representante da United Artists no Brasil lhe cabe distribuir e que são os filmes Samuel Golwyn os 20th Century, os formidaveis London Filmes e os British Dominions, além de algumas versões novas de peliculas famosas.

— Venho excelentemente impressionado e para que não pense que faço reclame dir-lhe-ei que não só me entusiasmou a produção que farei exibir como a de outras casas concurrentes pois que, de um modo geral, a cinematografia avançou e muito. E' certo que de nossa parte vamos maravilhar o publico. Ha algumas obras primas que serão catalogadas entre as melhores não só do ano como da nossa época.

Não posso descrever uma a uma mas fixe estes titulos: *Roman Scandals* com Eddie Cantor, Ruth Etting, Gloria Stuart e David Manners, e *Nana* com Ana Sten, Philips Holmes, Lionel Atwell e outros, ambos filmes Samuel Goldwyn; *Bowery* com Wallace Beery, George Raft, Jackie Cooper e Fay Wray, *Gallant Lady* com Ann Harding, Clive Brook e Dickie Moore, *Moulin Rouge* com Constance Bennett e Franchot Tone, *House of Rotschild*, com George Arliss, Boris Karloff, Loretta Young e Roberto Young; e *Firebrand* com Frederic March, todos primores da 20th Century; e estes outros cinco filmes admiraveis dos studios de Londres, que farão rumor: *Henry VIII* por Charles Laughton; *Catherine the Great*, com Douglas Fairbanks Jr. e Elizabeth Bergner; *Exct Don Juan* e *Congo Road* por Douglas Fairbanks *Robin Hood* por Douglas Fairbanks Jr. Os mesmos studios nos darão um filme de Chevalier.

E ha ainda a mencionar *Don Quixote* por Fedor Chaliapine com que abro a temporada e uma nova edição de *Luzes da cidade* do incomparavel Carlitos, isso sem falar na produção comum que é do melhor quilate. E por fim os desenhos animados desse humorista sem egual — não tem, nem pode ter similar... — que é Walt Disney, o creador do Camondongo Mickey e das maravilhosas symfonias coloridas que são a cousa mais linda que no genero já se fez.

— O. K! Don Baez!

E deslisamos...

MARIO NUNES

O mundo em Revista

NÃO QUER SABER MAIS DELLA — Douglas Fairbanks Jr., em seu apartamento num hotel de Londres, deliciando um *drink* vaporoso. O popular "astro" cinematographico, que foi citado em juizo por lord Ashley, em consequencia do divorcio com Joan Crawford, a estas horas, deve estar passeando pelas capitaes européas, em goso de ferias, e para se esquecer ainda mais daquella "estrella" de 1ª grandeza.

UM NOVO REINO — Fidalgos de Mandchukuo — novo Estado levantino — que esperam a elevação, ao throno, de Henrique Pu-Yi, o escolhido para primeiro imperador da dynastia recemfundada. Sentados: os infantes Yun-Chi, cunhados da imperatriz Pu-Yi, e o principe Pu-Chieh, irmão do imperador.

SABIOS EM VIAGEM — Alguns dos 70 scientistas que deixaram o Japão com destino aos mares do sul, para assistir ao eclipse total do sol, que foi visivel naquella latitude, no dia 14 do mez recemfindo. São elles: o Dr. Saotome, director do Observatorio Meteorologico de Tokio (ao centro); os professores americanos Cohn, da Universidade da California, e J. J. Johnson, do Instituto de Technologia de Pasadena. (Estes se vêem proximo do sabio nipponico).

ANTISEMITISMO NA JUDÉA — Os musulmanos residentes na Palestina levaram a effeito uma manifestação publica contra a emigração israelita para a Terra Santa. O *meeting* realisou-se na praça fronteira á Mesquita de Al Nabi Daeud, por occasião do encerramento das ceremonias do Ramadan. Para evitar desordens entre judeus e islamistas, as autoridades concentraram tropas nos principaes pontos estrategicos da Palestina. Felizmente não houve nada a lamentar.

QUEM E' BOM JA' NASCE FEITO... — Tommy Loughran e Primo Carnera, quando se avistaram, outro dia, no "President's Ball de Palm Beach, foram convidados para representar uma scena de box. Elles se sahiram optimamente da empreitada, melhor até que muitos artistas de verdade. Vae ver que elles acabam em Hollywood...

UMA LINDA IMPERATRIZ — A princeza que se casou com o filho do ultimo Imperador da China, Henrique Pu-Yi, e que se vae sentar a seu lado no throno do novo Imperio mandchukuo, este mez. E' uma das damas mais formosas e graciosas da nobreza oriental.

UMA FEMINISTA MASCULA — Esta é a famosa Emma Goldman, que ha cinco annos foi exilada de sua terra por a julgarem um elemento perigoso. Ella se achava, em Fevereiro, na capital americana, onde teve permissão de residir durante um trimestre. A photo mostra-nos a endiabrada feminista ao lado de varios "policemen", aliás os mais sympathicos e elegantes de New York.

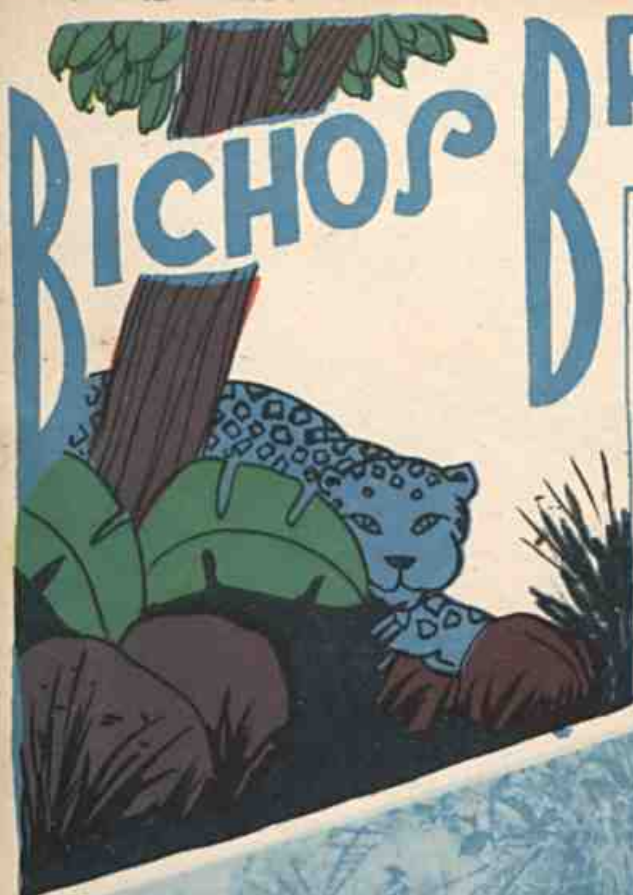
DE ESCULPTURA

A poetisa Ada Macage em esculptura e em original

O esculptor e architecto Corona, ao lado da sua obra.

A cabeça da poetisa Ada Macage, modelada por Corona.

O esculptor e architecto Corona, a quem a capital do Rio Grande do Sul deve algumas das suas mais bellas construcções modernas, modelou em bronze a cabeça da poetisa Ada Macage, a joven artista de "Taça", cujo talento se impoz tão rapidamente á consideração da critica e do publico brasileiros. Esta bella obra esteve exposta no salão do anno passado, na Escola de Bellas Artes.

BICHOS BRASILEIROS

Queixada, porco-espinho ou caitetú sob a espingarda que lhe deu a morte.

Tamanduá-bandeira que, sem ser parente nem discipulo do homem, cava a vida com a lingua e mata pelo abraço.

As caçadas no Brasil talvez não tenham aquelle tom carregado de dramaticidade das caçadas nas selvas africanas.

No continente negro, tudo parece grande demais, como se viesse de outras idades, de idades anti-diluvianas. Os animaes são leões, hippopotamos, rhinocerontes, elephantes, girafas — enormes, descommunaes, monstruosos.

No Brasil, só a solidão é grande. Mas no seio das florestas, o perigo salta de traz de cada arvore, no bote da cascavel traiçoeira ou na fulminante aggressão da sussuarana. Mas tambem ha as varas de queixadas ou caitetús que passam talando e destruindo, como uma horda barbara de hunos.

E as emoções das caçadas nocturnas de capivaras que conhecem os fundos dos rios e os recessos das florestas com a mesma experiencia. E as tocaias pacientes á anta pesada que abre as trilhas da matta virgem, com o seu passo de bruto pesado. E os quadros curiosos de animaes pittorescos, como as preguiças que se movem em "camera lenta", os tamanduás que estendem a lingua na estrada para a caça das formigas; as guaribas que commovem o caçador com o gesto classico da Mãe dos Gracchos, exhibindo os filhos. O colorido sinistro das aventuras na selva africana não se encontra, sem duvida, no Brasil, mas nem por isso faltam emoção e pittoresco ás caçadas nas nossas mattas, povoadas de animaes de habitos estranhos, de mysterios e perigos.

Uma anta abatida á beira do rio.

Uma capivara capturada.

Você é um poema

Você é um poema exquisito
que Deus imaginou
e que, um dia, o Diabo escreveu no livro de minha vida.

Você é um poema tão bonito
Que até me faz chorar...

Você é um poema suave, delicado,
cheio de expressão, cheio de caricias,
que leio de manhã, releio á tarde,
torno a ler á noite,
acho bonito a vida inteira,
mas que não comprehendo nunca...

Lonivar Matos

Minha canção bem moderna

Como um sorvete de pixe
nos envolve a noite immensa,
mais negra que o azeviche,
mais fria que a indifferença.

Os grillos fazem retretas
ou ficam mudos e immoveis
nos cantinhos das sargetas,
com medo dos automoveis.

A cidade tumultua.
Os moleques dos jornaes
vêm gritar na minha rua
mentiras sensacionaes.

E, ao menos pela saudade,
eu tambem vivo, porque
sinto o triste que me invade
com a ausencia de Você...

Figueiredo Silva

Vidas iguaes

— Pescador! Eia! Não trabalhes tanto!
Ha muito tempo que baloiça o teu caniço
inutilmente!...

Pescador:
Nestas aguas revoltas do mar
que buscas?

— Uma perola...

— Poeta! Eia! Socega!
Ha muito que gemes tua lyra
debaldemente!

Poeta:
Que tanto buscas
dentro da Vida?

— A felicidade...

Eu sempre achei a Vida do poeta
um plagio da Vida do pescador...

Carlos Leite Maia

Arvore núa

Eu ia passando pela estrada,
Uma estrada poeirenta
E vi a arvore núa
Uma arvore sem folhas,
Alta e fina,
De galhos inda mais finos
Que pareciam braços
A pedir misericordia...
E vi a arvore núa
Que me fez lembrar
O corpo esqueletico
Daquelle poeta tuberculoso
Que se suicidou...
Eu ia passando pela estrada
deserta e poeirenta
E vi a arvore núa...
E não sei por que,
Parei no meu caminho
E contemplei a arvore
fina, comprida e núa
e... depois me lembrei:
A arvore se parece com o meu Amor,
O meu Amor tristonho
Despido de esperanças...

(E. de P. Nasser)

Perfeição

Na pétala da flôr... na voz macia
dos passaros que cantam na floresta,
em cuja sombra, existe, ao meio-dia,
algo de berço que nos chama á césta...

No murmurar sereno da agua fria
do riacho de cristal... na linda festa
das estrelinhas... e na melodia
sublime e ideal de tudo que nos resta

de bélo e puro, Deus, com sua mão
sagrada, colocou a perfeição!
Mas todas as belezas preferidas,

num gesto derradeiro, um gesto santo,
Deus reuniu-as num sómente encanto,
quando vos fez a vós, ó mães queridas!

Rocha Filho

A Lua offuscada pelo brilho do Sol.

Crescente, uma das phases da Lua.

C. MENELLA

UE vem a ser a "edade da Lua"?

Como se sabe, a Lua executa um giro em torno da Terra mais ou menos no espaço de um mez, deslocando-se sensivelmente de oeste para éste. Uma "lunação" começa desde o momento em que o nosso satellite se encontra, junto ao Sol, no mesmo ponto da esphera celeste. A Lua, em tal posição, é de todo invisivel, porque volve para nós seu hemispherio não illuminado. E' o novilunio.

O deslocamento vertiginoso da Lua para éste, que se effectua em 13 graus em 24 horas, torna-a visivel nas noites successivas, no poente, na mesma trajectoria do Sol, e apparece-nos em fórma de foice. Ordinariamente, consegue-se distinguil-a dois dias após o novilunio, quando está a 26 graus distante do astro do dia. Diz-se, então, que a Lua tem a edade de 2 *dias*. A distancia apparente da Lua ao Sol augmenta 13 graus por dia, e com o augmento da edade augmenta a *phase*, isto é, a parte do disco que se mostra illuminada.

No setimo dia de lunação a distancia entre os dois astros é de 90 graus e metade do disco lunar apparece illuminada. Diz-se ahi que é o *primeiro quarto*. Continuando a Lua a afastar-se do Sol, augmenta a *phase* e cresce a edade da Lua. Ao 15.° dia, o Sol e a Lua acham-se em posições antagonicas, surgindo um quando a outra tramonta. O disco da Lua, que tem percorrido meio giro em torno da Terra, está illuminado. E' o *plenilunio* ou lua cheia.

A seguir ao plenilunio, inicia-se a phase, que o vulgo denomina *minguante*.

O planeta começa a approximar-se novamente do Sol e, após outros sete dias, ao 22.° da lunação, estará no ultimo *quarto*. A Lua ver-se-á a principio parallelamente, depois totalmente illuminada.

A parte illuminada vae diminuindo cada dia e o astro avisinha-se mais a mais do Sol. Ao 30.° dia, os dois astros achar-se-ão de novo bem proximos um do outro e a Lua é offuscada pelo brilho de Helios. Termina uma lunação e principia outra.

E' sempre possivel saber, e por meios simplicissimos, quantos dias tem a Lua em qualquer dia, e qual phase ella apresenta. Basta, para isso, recordar um pequeno numero, de apenas um ou dois algarismos, e que é valido por um anno inteiro. Tal numero diz os dias que se escoaram, em 31 de Dezembro do anno precedente, da ultima lua nova, e chama-se *epacta*. Para 1933, dito numero foi 3. Pois bem, para conhecer a edade da Lua, num dado dia, é mister juntar este numero ao dia do mez e ao numero dos mezes evoluidos desde 1.° de Janeiro, si para os primeiros dois mezes do anno, e desde 1.° de Março, si para os mezes successivos. Si a somma supera 30, subtrahe-se este numero, obtendo egualmente a edade da Lua.

Dêmos um exemplo. Quantos dias tinha a Lua a 30 de Dezembro ultimo? Facilimo: 3 (epacta) mais 30, mais 10 (mezes decorridos desde 1.° de Março) — 43; menos 30, — 13. A' Lua tinha uma edade de 13 dias e apresentava a phase do plenilunio. A' falta de um bom calendario, que nem tódos informam convenientemente sobre os segredos de Urania, ahi tem o publico uma fonte segura de dados astronomicos.

GENTE DE CIRCO...

LEÃO PADILHA

A vista de um desses pequenos circos de lona que a gente costuma encontrar nos terrenos devolutos dos suburbios do Rio de Janeiro, com uns cartazes mal pintados na porta e uma quietude de igreja, lá dentro, nas horas de sol claro em que todo mundo trabalha, — foi o bastante para me trazer á mente uma lufada de recordações. Deante daquelles cartazes ricos de côres e pobres de inspiração, que annunciavam o palhaço mais engraçado do mundo e a mais terrivel das feras — uma authentica Hyena, apanhada na Africa—lembrei-me dos circos que arribavam, de longe em longe, naquelles fundos sertões da minha terra. Armavam o tosco amphitheatro no largo do mercado, e de tarde, o palhaço sahia, com uma movimentada cauda de moleques, montado num jumento, com as costas viradas para a cabeça do jegue, gritando:

— O palhaço que é?

E a molecada respondia:

—E' ladrão de mulher.

— Hoje tem espectaculo?

— Tem, sim senhor.

— A's 8 horas da noite?

— Tem, sim, senhor.

— Hoje, tem marmelada?

— Tem, sim, senhor.

— Hoje, tem coisa bôa?

— Tem, sim, senhor.

— Anima, rapaziada.

E entre a gritaria dos moleques, o palhaço pulava do jumento e executava cabriolas pelas ruas e pelas calçadas.

A cidade toda vinha para as janellas e para as portas, a olhar o homem agil de cara pintada de alvaiade e **rouge**, que continuava a gritar, pela rua abaixo:

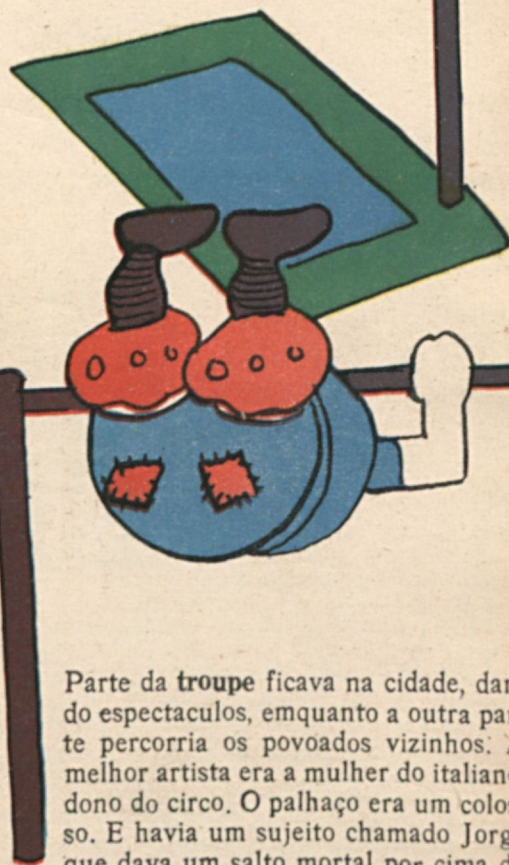
— Olha a negra na janella.

— Tem a cara de tijella.

— Olha a negra no portão.

— Tem a cara de tição.

A' noite, os trapezistas faziam jogos arriscados a uma altura louca, e davam vôos que arrancavam gritos ás mulheres e palmas á plateia inteira. Um homem de casaca exhibia assombrosos **trucs** de magica. Appareciam cavallos ensinados que só faltavam falar e cachorros mais intelligentes do que muito sujeito que veste calça. O palhaço cahia com uma graça tal, que provocava descargas de hilaridade.

Uma vez, um circo desses realizou uma verdadeira temporada no pequeno municipio do interior piauhyense.

Parte da **troupe** ficava na cidade, dando espectaculos, emquanto a outra parte percorria os povoados vizinhos. A melhor artista era a mulher do italiano, dono do circo. O palhaço era um colosso. E havia um sujeito chamado Jorge que dava um salto mortal por cima de seis cavallos juntos.

Quando a temporada estava na sua phase de maior animação, o dono do circo fugiu de madrugada, e uma noticia horrenda borrou de sangue o claro crystal da manhã sertaneja: emquanto dormia o sujeito pulador chamado Jorge, o italiano esmigalhou-lhe a cabeça, deixando-a como uma pasta sangrenta de miolos. Ciumes? Despeitos? Questões de dinheiro? Quem sabe lá.

Tragedia de circo.

Deante de um desses barracões de lona, tranquillos e pobres que cobrem, ás vezes, os terrenos devolutos dos suburbios cariocas, eu me lembro dessas coisas todas e, por momentos, chego a acreditar em todas as lendas tragicas que por ahi correm em torno da gente de circo...

Um aspecto da Exposição de Yantok no saguão do Lyceu de Artes e Officios.

O nosso grande publico já se habituou com os trabalhos artisticos e de humorismo de Yantok. Conhece-o atravez das suas "charges" desopilantes na imprensa e de albuns que tanto divertem, pela sua graça esfusiante, e originalidade, a creanças e adultos.

Yantok observa o que a vida tem de risivel e de triste, mesmo nos seus dramas e aspectos mais severos e alegres e delles tira a bôa dóse de ironia e de humor com que faz rir a gente, na movimentação grotesca e original dos seus bonecos. Destaca-se, por essas qualidades, como dos nossos melhores humoristas do lapis, com cuja precio-

O nosso companheiro Max Yantok

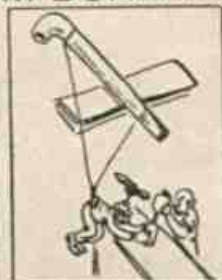
sa collaboração O MALHO vem contando ha muitos annos.

A Exposição que Yantok realiza no edificio do Lyceu de Artes e Officios apresenta tres faces do seu talento: o pintor a oleo, o aquarellista e o humorista. E nas tres Yantok mostra que é excepcional, em nada ficando a dever a outros. Quem só o conhecia como humorista, como o autor de "charges" deliciosas, de desenhos differentes, exclusivamente delle, absolutamente Yantok, póde agora conhecel-o como pintor conhecedor dos segredos da Natureza, tão bom manejador dos pinceis como do lapis.

A Exposição de aquarella, humorismo e trabalhos a oleo de Yantok é por tudo isso interessantissima e tem attrahido um consideravel numero de visitantes.

Exposição Yantok

SONHO DE UM BORRACHO N'UM DIA DE VERÃO - Por Yantok

ESTAÇÃO — VÔO DE EXPERIENCIA

ABASTECIMENTO DE COMBUSTIVEL

1.ª ETAPA — REFORNECIMENTO

QUEDA EM SACAROLHA

CHEGADA

COLLEGIO ICARAHY

Fachada do novo edificio em que está installado o Collegio Icarahy, á rua Passo da Patria n.º 156, Nictheroy.

O Collegio Icarahy, estabelecimento de ensino primario e secundario, dos mais acreditados no Brasil, acaba de transferir a sua séde, localizando-a á rua Passo da Patria, 156, em Nictheroy, num soberbo e magestoso edificio. E' um monumento dentro de um frondoso parque, deitando, ao fundo, para o mar. Um conjuncto harmonioso e pittoresco, onde reina o socego, a paz e a dadivosa tranquilidade para quem estuda. Dir-se-ia um campo para a salutar meditação. E' seu director o Dr. Jorge Abreu, luminar em nossas letras, notavel historiador, publicista, escriptor, além de aprimorado educador. Já na geração hodierna se apontam cerebrações formadas no Collegio Icarahy, o que indica a objectivação segura desse "condottiere" de homens.

O estabelecimento dispõe de tudo. Amplas salas de aulas, dormitorios para alumnos de ambos os sexos meticulosamente dispostos, hygiene impeccavel, recreios ensombrados, gabinetes de sciencias naturaes, tudo distribuido em observancia á arte e bom gosto. Seu corpo docente é uma expressão da alta mentalidade, pois, dentre os professores notámos: Dr. Stephano Vannier, Castro Guimarães, Lacerda Nogueira, Miranda Jordão, Lyster Perrone, Alberico Diniz, João da Mattia, Felippe Coimbra, Pery Valentim, Alpheu Braga, Ismael Coutinho, Soares Brandão, Belfort Vieira e tantos outros.

O Collegio Icarahy foi o escolhido por Mussolini para ahi manter um curso de lingua e literatura italianas, ás expensas do proprio governo, sendo para taes cadeiras designado o professor Francisco Desiderati. Dos antigos alumnos desse collegio uma grande phalange occupa hoje postos de relevo, entre os quaes: capitão Castro Afilhado, director da Secretaria de Agricultura do Estado do Rio; Dr. Ernesto Imbassahy de Mello, director da Escola do Trabalho do mesmo Estado; Dr. Geraldo de Mello, official de gabinete do Interventor Ary Parreiras; Dr. Miguelotti Vianna, Director do Instituto Bios.

Tambem Mme. Ary Parreiras fez seus estudos no Collegio Icarahy, onde foi uma alumna das que mais se destacaram.

São essas, em ligeiros traços, as credenciaes do estabelecimento que hoje occupa esse logar marcante que todos reconhecem sinceramente e cujas portas estão abertas para receber a mocidade sequiosa de saber e que ahi tudo encontrará para a illuminação de suas intelligencias.

Pavilhão onde se dispõem 25 salas de aula.

Alumnas do Collegio Icarahy entregues a exercicios de gymnastica.

BAEPENDY --- A CIDADE MYSTICA

(ESPECIAL PARA "O MALHO")

ASSIS MÈMORIA

A *Mantiqueira*, em Minas, é toda uma authentica montanha biblica, um completo trecho da Palestina, em terras alcantiladas do Brasil. Galgando a magestosa cordilheira, de cimos azues, de lombadas verdejantes, o viajor tem a grata impressão de estar escalando, reverentemente, o Sinai, o Thabor, o Carmelo, o Calvario. Auras, como espiritualizadas e odoriferas, santificam e perfumam o ambiente. Respira-se um ar leve, ethereo, mesmo. De um céo, com a transparencia de crystal, cahe uma luz, parecendo coada atravez de vitraes matizados. Penetra-se — é essa a sensação agradavel — como em uma enorme cathedral agreste, embalsamada com o incenso virgem de mattas, verdadeiros jardins, intensamente coloridos de verde, estuantes de seiva. A orgia do verde, a exuberancia tropical da vida vegetativa, desabrochando em fragrancias.

O panorama é grandioso e suave, a um tempo. Dentro daquelle quadro animador, com aquella tonalidade de alegria transbordante, um novo alento galvaniza o espirito, ainda o mais torturado, ergue as almas, ainda as mais entediadas por uma existencia cortada de revezes, trabalhada de procellas. Mergulhar naquelle scenario renovador, é como ir beber a vida á propria nascente; é resurgir, como um novo Lazaro, do tumulo de muitas desillusões, do jazigo de muito desalento.

Porque não é sómente o organismo que se tonifica: é, sobretudo, a alma que desperta ao poder vivificante da Fé, ao estimulo salutar da Crença. E' que — eu já o disse — a Mantiqueira é a Palestina e é, tambem, a Bretanha do Brasil. Aquelle ambiente mystico forja almas de santos e produz temperas de bravos.

No sul — de Minas, as estancias de aguas, como S. Lourenço, Caxambú, Lambary e Cambuquira dão vida ao corpo; Baependy, a *città dolce*, resuscita almas. Collocada entre Caxambú, a *città ridente* e Cambuquira, um presepio, a *città dolce*, a centenaria comarca, a bi-centenaria Baependy é assim como uma estancia de repouso espiritual entre dois centros de agitação e de vertigem. De vertigem de goso, de vertigem de luxo, de ansia de lucro e de prazer.

A Matriz centenaria de Baependy.

Um trecho de rua colonial, em Baependy, e a Egreja do Rosario.

A famosa toca do leão, uma formosa gruta dos arredores da cidade.

A topographia local já é por si mesma um convite á meditação: collocada de encontro á falda de uma eminencia, lavada de sol, purificada de brisas tenues, como halito, aquillo representa um trecho interessante dos Alpes suissos, uma daquellas collinas sagradas, de onde o homem é obrigado a dialogar com o Infinito, um desses altares aonde a divindade desce a se entreter com os mortaes. Sente-se isso, na intimidade com os filhos daquelles alcantis abençoados: todos formam uma verdadeira communidade christã, tal como na primeira idade do Christianismo, em que a aggremiação evangelica era uma cousa só: a caridade. Nunca vi povo tão gentil, tão prestativo, como o baependyano. Como nunca vi gente mais ordeira e acolhedora. A cidade é uma familia só. Uma vasta communidade genuinamente christã.

Aliás, essa qualidade acolhedora daquella boa terra está na legenda, antes de passar á historia. Contam remotas tradições que, ao chegarem áquellas plagas, ainda virgens, os primeiros bandeirantes, na penetração civilizadora dos primeiros dias do seculo 17.° os *naturaes* receberam fidalgamente os paulistas, indagando, apenas, de um dos seus: *"Bae-pendy?* — "Que raça de gente é essa, irmão?!"

Dahi, etymologicamente, a denominação da futura cidade. Dahi, a tradição de cavalheirismo daquelle povo. A matriz local — uma formosa obra de talha portugueza de lei — é o centro da vida social. As casas de aspecto colonial imprimem um cunho de antiguidade e impõem respeito, porque irradiam magestade veneravel. Os *touristes*, os *aquaticos* das estancias mineraes circumvizinhas, quando em cavalgatas ruidosas ou em autos barulhentos, invadem, em tropel, a cidade calma, dominados, naturalmente, pelo poder do scenario religioso, guardam aquelle ar de respeito, como si palmilhassem as naves de um templo, como si ingressassem numa immensa basilica, cheia de historia, repleta de tradições venerandas. Durante toda uma inolvidavel quinzena, em que por alli peregrinei, agora, devotamente, causou-me surpresa este facto raro. Mas a cidade mystica é, tambem, com o acolhimento cordial dos seus habitantes, com a saude moral e physica dos seus filhos, com a salubridade do seu clima e a incomparavel pureza das suas aguas, a cidade da alegria, dessa alegria, que é a feição caracteristica de um povo, que reune a classica *mens sana in corpore sano.*

Onde o verão é uma delicia

Um grupo de veranistas, á porta da fazenda encantadora, onde estiveram, fugindo ao calor e ao Carnaval do Rio.

A piscina de "Chaumière", um logar encantado por onde as fadas andaram muito recentemente.

Essa paisagem é um trecho de uma deliciosa fazenda de veraneio de Governador Portella, a 650 metros de altitude.

"Chaumière", a deliciosa fazenda de veraneio de Governador Portella, vendo-se aqui um trecho de seu parque.

O REAPPARECIMENTO DO "A. B. C."

Reappareceu no dia 3 o "A. B. C.". Dirigido ainda pelo eminente escriptor e jornalista Luiz Moraes que durante 15 annos illuminou as suas paginas com o seu espirito e a sua cultura, o "A. B. C." resurge, depois de uma interrupção forçada de 2 annos, com a mesma energia e a mesma bravura civica que assignalaram sempre as suas attitudes e o fizeram um pamphleto-padrão em nosso paiz.

SENHORA

SENHORITA...

Já repararam na quantidade de modelos de chapeu que os figurinos nos trazem, que as "andorinhas" importam, que Paris determina, que a Hollywood inculca?

De abas grandes, de abas medias, de abas pequenas.

Chapeus sem aba nenhuma, apenas a copa trabalhada como boina, como "toque", dobrada num geito de chapeu de soldado, tal qual o que esta pagina estampa e é do mesmo tecido "imprimé" da "écharpe" e da bolsa: branco, preto, amarélo.

Os chapeus de feitio "relevé" — vulgo "Lampeão" — são, evidentemente, os que mais agradam, agora, ás mulheres.

E aqui está um, "relevé" como os diademas imperiais. E' a realeza da moda na boniteza real de um rosto joven, á beira da aba de palha brilhante, branca, fita de veludo preto e babadinho de organdi branco. Um capricho da moda, uma esquisitice. Mas ha tanta gente bonita que depressa copiará o modelo esquisito...

A' esquerda — chapeu de palha da Italia — amarélo forte, apenas adornado com um amor perfeito de penas. Fantasia com certa ponta de... maldade? Em todo o caso enfeite original e gracioso, tinto de rôxo forte, fraco, o miôlo amarélo.

O quarto chapeu é de molde bem recente. Encontrará quem o copie, embora não se aproveite da idéa daquêles dois raminhos de folhas verdes e florinhas azues, destacando-se da palha vermelho lacre.

Sorcière

As flôres voltam á moda: orchidéas lilás num vestido de setim luminoso branco; orchidéas brancas no "manchon" que esconde as mãos da bonita loira vestida com um casaco de veludo azul "rey".

DE TUDO UM POUCO

CURIOSIDADES

Os holandeses asseguram que no seu paiz ha uma vaca para cada habitante.

* * *

No Vaticano existe uma Biblia manuscrita em hebreu considerada a maior do mundo, porquanto pesa mais de 145 kilos.

* * *

O arroz é o alimento da metade da especie humana. Com êle se mantêm cerca de 405 milhões de chinezes, 280 milhões de habitantes da India, 40 milhões do Japão e outros povos da Asia.

* * *

Houve quem propuzesse como fôrno crematorio a cratéra do Vesuvio.

* * *

Na India a noiva é apresentada ao centro de enorme bandêja com um doce coberto de crême colorido.

* * *

A cidade de Rosario de Santa Fé foi fundada em 15 de setembro de 1814.

Blusas novas.

POR SOLFA

"Cadê Maria Rosa,
tipo acabado da mulher fatal,
que tem por sinal
uma cicatriz,
dois olhos muito grandes,
uma boca e um nariz."

Isso que aí está, e pode parecer que não vai além de versos de um novo samba carnavalesco, é alguma cousa de muita profundeza.

O carnaval meteu-se, este ano, a berrar endemoninhado aquela grande lição, sem saber o que fazia, sem perceber que gritava, assim, o que dele não se esperava.

O carnaval sempre foi propicio ao surto das mulheres fatais.

E' uma velharia que não podia ver senão com bons olhos aquela outra velharia — a lenda das mulheres fatais.

No entanto sai-se agora a dizer que aquelas carateristicas da Maria Rosa são as do tipo acabado da mulher fatal.

O carnaval a proferir palavras judiciosas, é mais um disparate carnavalesco.

E teve graça, como aquele bigodudo que se apresentou quasi nú, com um colar de cebolas, uma corôa d'alhos, e, nas costas dois grandes bacalhaus por asas, e se dizia — "O Cupido Lusitano".

Na realidade, todas as mulheres fatais são o que Maria Rosa é.

Nos olhos, apenas, podem apresentar alguma diferença, porque, si umas os têm grandes, como os da inspiradora do samba, outras os têm pequenos, e ainda outras, medios.

Cicatriz, mais ou menos visivel, póde-se dizer nenhuma das mulheres fatais haverá sem ela.

E quanto á boca a que a não tivesse e o nariz, ou tivesse este ou aquela em duplicata, ou fóra do sitio que lhes é proprio, não seria mulher fatal mas, sómente, um monstro.

Mostra, pois, o samba que a tal fatalidade não é objetiva, mas, unicamente subjetiva.

Não reside em mulher alguma, diferente das outras, mas só no cerebro dos que fantasiam em uma ou em algumas aquele atributo que elas perdem desde que se dão a conhecer inteiramente.

Só ha fatalidade enquanto a mulher é uma incognita.

A mesma Maria Rosa, fatal para com fulano, não o será para com beltrano, nem para com sicrano, si este fôr o marido ou o amante.

A fatalidade que se exerce sobre um individuo, deixando todos os outros indiferentes, não prova a favor do agente, mas, apenas, contra o paciente.

Essa lição, que é a do samba, deve agradar ás leitoras desta pagina.

Todas verão que podem ser Marias Rosas, e guardar, por isso, uma boa recordação do carnaval que tanto lhes cantou aos ouvidos o samba filosofico e consolador.

O radio se encarregará de o repetir durante mezes, e assim se lhes firmará, cada vez mais, a convicção de que o numero de mulheres fatais, com uma cicatriz, dois olhos (grandes, pequenos ou medios), uma boca e um nariz, é muitissimo maior do que o em que os poetas acreditam.

O samba, como se diz na giria, meteu-se em funduras.

E o caso é que se saiu bem.

A. de M.

UM CANTO ARTISTICO

O divan leito forrado com o mesmo tecido que lhe faz moldura na parede; estante para livro e **bibelots**, almofadas, a mesa redonda para um pequeno almoço, o chá, e outras utilidades da vida de cada dia.

A MODA — O comprimento das saias varia segundo as horas. Uma blusa de setim côr de miôlo de tangerina, botões de prata, está com uma saia de crêpe preto, e fica acima dos tornozêlos. E' traje para "trotter". A outra saia, tambem preta, rente com o chão, é para um jantar intimo, e é vestida com blusa de setim brilhante alvo de neve.

FEMINISMO

Na America do Norte êle, feminismo, na realidade, caminha. O presidente Roosevelt que nomeou para a Dinamarca uma senhora chamada Mrs. Ruth Bryan Owen, como ministra de Estado, entregou agora a fiscalização de narcoticos em Illinois, Indiana e Winscousin á Mrs. Elizabeth Bass, a qual já conseguiu 432 condenações em 450 denuncias.

No primeiro caso é a "carrière" sorrindo á ambição das mulheres... feministas.

No segundo o policiamento.

Num e noutro — segundo noticias — os aplausos têem sido constantes...

DECORAÇÃO DA CASA

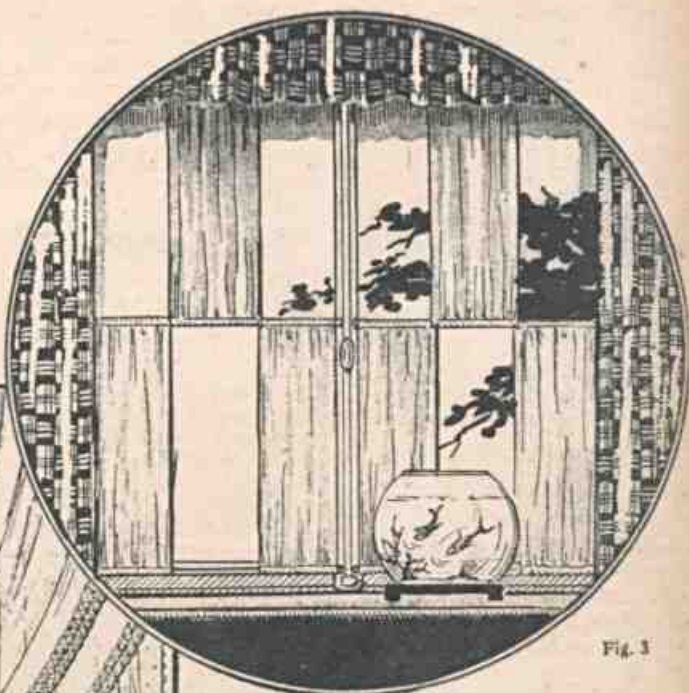
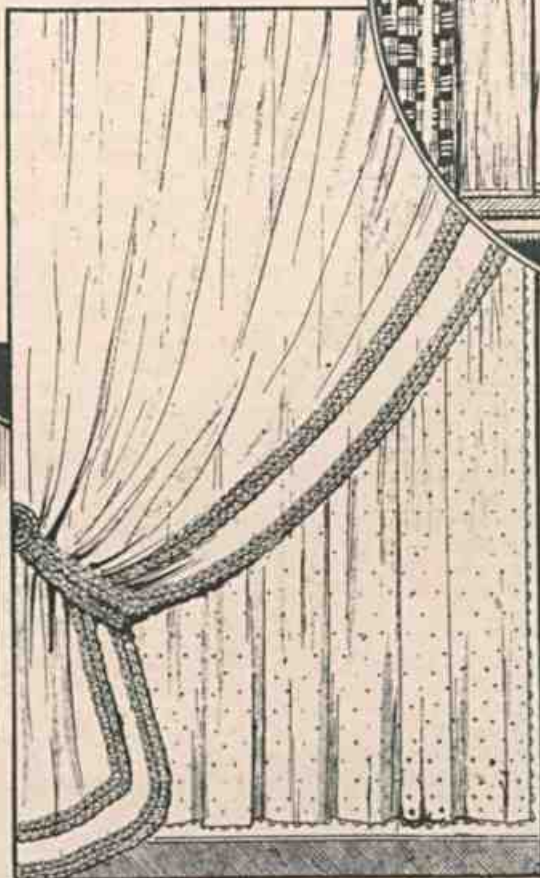
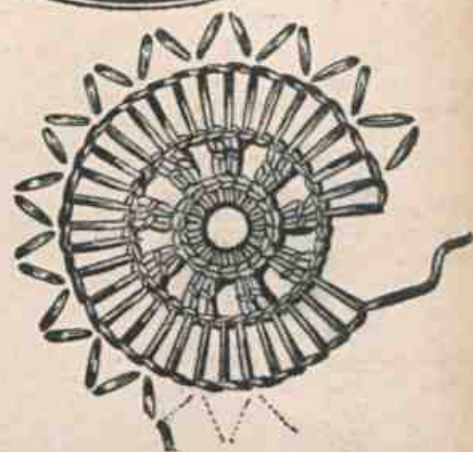
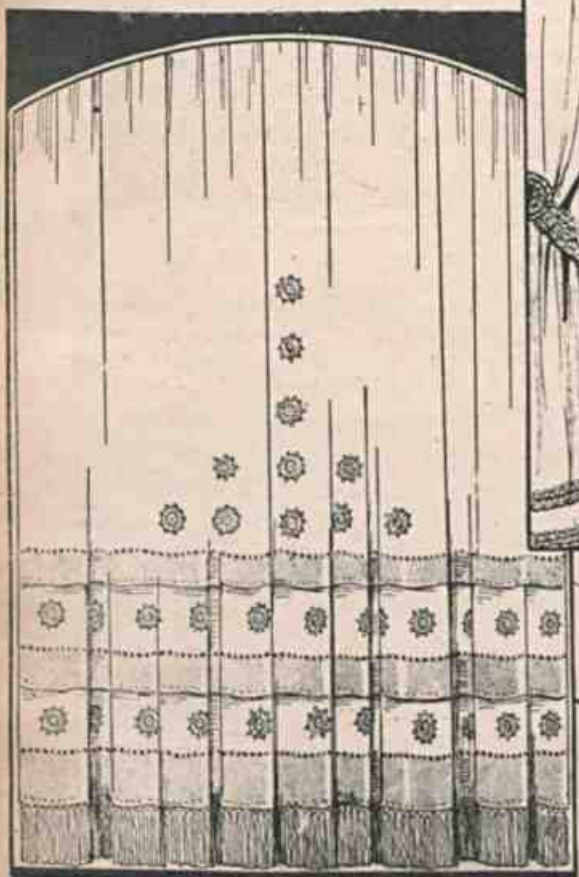
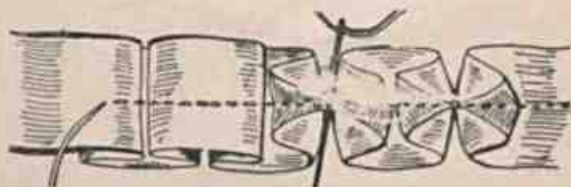
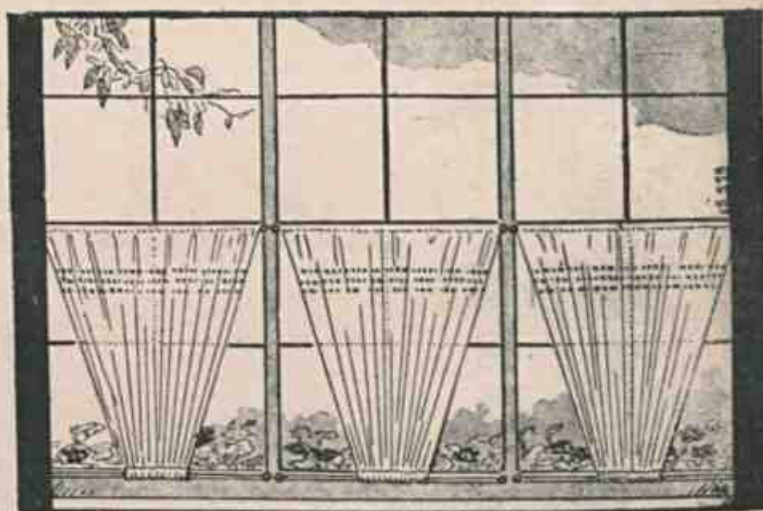
Para completar a graça de um aposento é necessario adornar as janelas cuidadosamente, procurando quebrar o excesso de luz sem o exagêro da penumbra apropriada a quarto de dormir.

A fig. 1 apresenta um "store-Panneau" de "voile" crême, largas pregas com bainhas abertas, algumas flôres de "crochet" aplicadas, uma franja de linha á beira.

A janela da fig. 2 leva cortinas de "voile" de algodão marfim, duas carreiras de fita de "faille" rosa, bem franzida, como adorno, fita cuja tonalidade póde ser substituida pela que predomine na sala. O "store" é de filó crême bordado a "pois".

A janela da fig. 3 compõe-se de alguns retangulos de tule amarélo ocre, franzidos, e "panneaux" de "reps" amarelo e preto em fundo branco.

A da fig. 4, para um aposento carecendo de muita luz, apenas se enfeita com pequenas cortinas de "voile" branco.

A' parte um desenho da rosa quando tiver de ser feita em cadarço, com o centro apenas em "crochet".

ROUPAS DE PRAIA

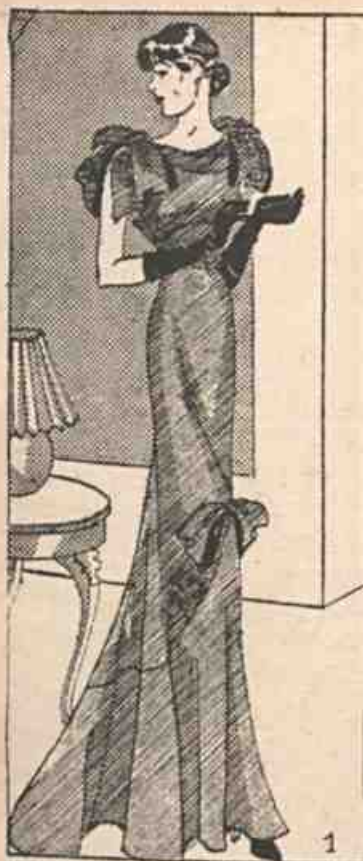
Para jogar tenis: saia de flanela marinho, blusa branca listrada de azul claro e marinho.

Uma garotada alegre, amiga da praia está aqui elegantemente trajada.

A' esquerda do casaquito de "toile de lin", mangas compridas, e ao lado da garota de calças de jersey preto e blusa de jersey branco listrado de amarélo forte, a saia que o completa, — a êle, casaco —, tambem de "toile de lin". Por dentro um "maillot" de jersey rosa carne finamente listrado de azul. Na extrema esquerda um "manteau" de flanela vermelho vivo, botões e "écharpe" branco marfim, alpercatas de camurça branca.

Sentada uma menina com um vestido de linho côr de "abricot"; de pé a outra apresenta um casaco-vestido de flanela crême.

FANTASIA...

...muita fantasia nas mangas

Nº 1 — Num vestido de taffetas verde malva, para de noite, laçarotes do mesmo tecido nos ombros.

Nº 2 — Num vestido estampado, para jantar intimo, mangas forradas com o tecido da gola, abertas em cima.

Nº 3 — Mangas originais, bem franzidas, completando a elegancia de um "evening ensemble" de setim rosa palido.

Nº 4 — Babados como azas são as mangas de um vestido de musselina estampada, proprio a festas dansantes.

Nº 5 — Setim preto e setim branco estampado de amarélo compõem um vestido para a cerimonia do "cocktail". O que, porém, o diferencia dos demais é a inovação de babados plissados nos ombros, nos pulsos e á volta do pescoço.

Nº 6 — Num costume de seda marinho, laçarote e punhos de organdi branco.

PENTEADOS DE HOJE

Continuam os cachos — que as mulheres elegantes chamam "boucles" — na ordem do dia.

As cabeleiras, como as preperam agora, são realmente obras de arte. E' natural que exijam cuidados especiais, sendo indispensavel a ida, pelo menos uma vez por semana, ao cabelereiro para o "shampoo", a ondulação e os cachos.

Cabêlos loiro palido ficam bonitos cacheados em aneis, como os que aqui se vêem. Já os escuros arrumam-se com ondulação larga e "boucles" enrolados.

Varias moças deixaram crescer os cabêlos e os prendem com tranças sobre as orelhas ou na nuca. Acham que, com as saias compridas, os cabêlos compridos assentam melhor.

Mas as adeptas dos cabêlos curtos constituem o forte do exercito de mulheres por esse mundo de Deus.

Como vestem as "estrellas" de Hollywood

MAE WEST, da Paramount, adora o preto luzidio que põe mais sedosos e mais loiros os seus lindos cabêlos. Ela aqui está com um "relevé" de cordão de seda trancado.

CLAUDETTE COLBERT - da Paramount - é elegantissima nos trajes que escolhe. Ei-la vestida para a noite: setim branco "pailleté" de cristal.

O tecido e corte simples constituem o vestido elegante de MIRIAM HOPKINS, da Paramount Pictures.

CONSTANCE BENNETT, da United, vem, em "Moulin Rouge", com Franchot Tone que agora se casa com Joan Crawford, numa creação de "morena" e noutra de "loura". Os doirados cabêlos destacam-se, numa das fotografias, do vestido de véludo preto com laço e cinto de renda prateada, na outra nota-se uma blusa de crêpe fôsco, cereja, as mangas abertas deixando á mostra um pouco do braço bem torneado.

Almofada

De fórma retangular é bordada a branco em linho azul claro. Mede 0m. 46 x 0m. 80. Ao lado um detalhe do bordado cujas folhas, como se vê, são "au plumetis" com uma linha branco de neve. Os outros motivos cobertos por "soutache" de seda comum, podendo ser cosidos a maquina ou a mão, com pontos meudinhos.

Ainda póde ser de linho verde claro, rosa seco ou azul eletrico, bordado de branco ou de preto.

CONSELHOS UTEIS

PREGAR "LINOLEUM"

O "linoleum", depois de bem estirado no chão e no logar que se escolhe, deve ser pregado com tachas que tambem se possam tirar facilmente, porquanto a limpeza no avêsso de tal tapete é sempre necessaria.

Cheiro de mofo no "linoleum" se tira com terebinthina.

Remendam-se buracos de "linoleum" com pedaços de oleado — de colorido igual ou que combine, collado com colla forte.

Nunca se deve deixar agua sobre o "linoleum" porque o apodrece.

Manchas de tinta — "linoleum"

Ainda o caldo de limão extrahe qualquer mancha de tinta no "linoleum", tendo-se o cuidado de repintar a parte donde se retirou a mancha de tinta.

Se a mancha fôr nova basta esfregar terebinthina depois de lustrar com oleo de linhaça, repintando-se como acima está indicado.

RÊDES

O CABOCLO do norte lava, desde tempos immemoriaes, a rêde em que repousa á noite, onde faz a sesta, onde preguiça um pouco, na beira do rio, servindo-se da casca de juá como sabão.

Mas o civilizado europeu recommenda que as rêdes, principalmente de côr, devem ser lavadas com benzina ou ether.

O europeu não sabe de que marca é a linha da rêde do caboclo, nem talvez tenha lido de que geito era a rêde da formosa Iracema, "a virgem dos labios de mel"...

TAPETES VELHOS

SE grandes, depois de rigorosa hygiene, fricção de terebinthina com agua quente para rejuvenescimento, e de geito a não prestarem mais do tamanho primitivo, podem multiplicar-se em pequenos tapetes debruados com "festonné" de lã grossa, com franja de barbante, com cadarço de tonalidade viva.

Tapetes, assim aproveitados, nos vãos das portas, servem de adorno como tambem de capacho.

TAPETES DE JUTA

OS tapetes de juta sempre rescendem de modo desagradavel. Facilmente se consegue modificar tal exhalação passando-se pelo avesso do tapete um preparado composto de 20 grs. de alcool de 96 graus, 4 grs. de essencia de vinagre aromatico e 3 grs. de oleo de cravo.

Nota: — A juta é inimiga da humidade, decompõe-se depressa.

TAPETE DE CÔCO — limpeza

SURRAR, com força, pelas costas. Um dos unicos meios de surrar pelas costas sem que tal coisa constitua traição e poltronice — o tapete de côco, o mesmo processo pelo direito, depois laval-o com agua quente onde se poz duas mancheias de sal de cosinha.

PARA IMPEDIR QUE OS OLHOS CHOREM QUANDO SE PARTE CEBOLA

O chorar quando se cortam cebolas é muito desagradavel; collocando a cebola, emquanto se corta, debaixo da torneira, não se precisa chorar.

LIVROS E AUTORES

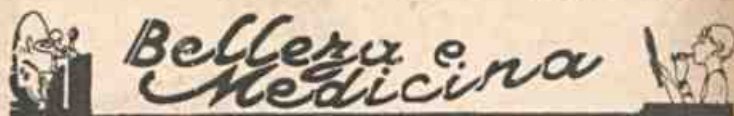
UMA INTERESSANTE THESE DE DOUTORAMENTO

O Dr. Fernando Tude, joven medico que acaba de concluir, com brilho, o curso da tradicional Escolá de Medicina da Bahia, apresentou como these de doutoramento um trabalho que mereceu a approvação do Conselho Technico daquella Escola e os maiores encomios por parte do relator.

Versa essa these sobre "O Problema Social do Aborto". O autor desenvolve o thema com elegancia de estylo, lucidez e elevação de vista, tendo despertado elogiosas referencias de parte da imprensa da capital bahiana.

ARCHOTES

O Sr. Clodoaldo de Alencar deu á publicidade a um livro de versos sob o titulo acima. E' uma collecção de sonetos e poesias que nada têm de modernistas e onde, a par de correcção de metro, se encontram idéas philosophicas serias.

"Archotes" tem um elegante formato e foi editado pela Casa Avila, de Aracajú.

A pratica da gymnastica

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

A pratica diaria, methodica, da gymnastica, constitue um dos principaes factores para se ter saude, graça e belleza. Aliás, ninguem desconhece as vantagens que o exercicio physico traz ao organismo e todos sabem, perfeitamente, que uma bôa pelle depende directamente do estado em que se encontra o corpo.

O quarto movimento mostra as pernas levantadas.

A belleza supera a intelligencia e é desenvolvda, ao mais alto grão, com a gymnastica methodica. Sem trabalho muscular, a belleza é ephemera e não adquire a fórma pura, estavel, bem definida, só conseguida com o desenvolvimento harmonico dos musculos.

Todos os dias, a qualquer hora, porém, de preferencia pela manhã, deve-se praticar alguns minutos de exercicio e logo após, então o banho geral.

Eis a descripção resumida dos principaes exercicos a effectuar:

1.° movimento: (oito vezes) — a) Mãos unidas em cima da cabeça. Braços esticados. Pás separados — b) — Curvar o tronco para a direita e para a esquerda.

2.° movimento: (cinco vezes) — a) — Pés unidos nos calcanhares. Mãos collocadas na cintura. — b) — Flexionar as pernas.

3.° movimento: (seis vezes) — a) — Deitar o corpo no chão. Pernas esticadas e juntas. Braços estendidos acima da cabeça. — b) — Sentar e jogar o tronco para frente, braços esticados. Procurar tocar com as mãos, as pontas dos pés.

4.° movimento: (oito vezes) — a) — Corpo deitado no chão. Pernas esticadas e juntas. — b) — Levantar as pernas e deixal-as cahir o mais que possivel e sem curval-as.

Esses quatro movimentos supracitados muito contribuirão para o combate á obesidade, servindo, portanto, para dar um corpo esbelto, com linhas bem proporcionadas e livre de qualquer paniculo adiposo.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões de embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

ALBUM DE OEDIPO

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934 — JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO

N.º 40 — 8 MARÇO

PREMIOS: — 1 para cada um dos vencedores do 1.º e 2.º logares, 2/3 e 1/2 dos pontos, e para o autor do melhor trabalho, escolhido por votação entre os concurrentes classificados segundo o criterio regional; esse premio será o retrato do mais votado publicado dentro do nosso Quadro de Merito. Serão feitos os desempates, quando precisos. O premio do 1.º logar é um Diccionario do Charadista, de A. M. de Souza.

Livros adoptados nos *torneios communs*: Cand. Fig. (edição pequena), Simões da Fonseca (idem); Fonseca & Roquette (os dois volumes); Chompré (Fabula); Bandeira (Synonymos); A. M. Souza (Manual do Charadista, os 2 volumes); Jayme de Seguier; Vocabulario Monossyllabico, de Caminha. Para os desenhados: Rifoneiro Portuguez (de Pedro Chaves); Adagios Portuguezes (de Antonio Delicado) e o Diccionario de Moraes até a 7.ª edição.

NOVISSIMAS 181 a 186

2—1—Quando viajo e ha muita *agitação* no mar, mesmo ao som da "*nota*" chego a ter "*desmaio*".

Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba do Norte)

1—1—Atravesso o oceano e vou á "*ilha*" atraz do "*homem*".

Scylla (Gente Nova, de Corumbá)

2—1—O homem da *expedição profere discurso*.

Peropadis (Aracajú, Sergipe)

4—2—*Bomba de revolta induz em erro, aterradoramente*.

Julião Riminot (Bloco dos Fidalgos — Ribeirão Pires)

1—3—Em "*11*" igrejas e na *celebre montanha da Syria* usa-se "*incenso*".

Luar (S. T. A. — Theophilo Ottoni, Minas)

1—2—*Um frango adormecido*.

Carinho Leite (Aracajú, Sergipe)

CASAES 187 a 190

2—Que *creança* de *feição* linda!

Clirio (São Salvador, Bahia)

2—Você tem *cara* de "*prego*".

Heliantho (São Salvador, Bahia)

2—A *lapida* do *José* está mesmo na *campina*.

Gandhi (Campos, E. do Rio)

3—O *glutão* tem uma "*mulher*" estupida.

Ira-Hydas (S. Salvador, Bahia)

SYNCOPADAS 191 a 194

3—2—Para um "*porco pequeno*" não ha nada melhor do que uma *poça* d'agua.

Bibliophilo (Santa Barbara, Minas)

3—2—Gente *pobre*, Deus a *favorece*.

Zalira (Bloco dos Fidalgos — Ribeirão Pires)

3—2—Um homem *intrepido* poderá ser *poeta*?

Antomarcpe (Recife)

5—4—Houve uma *rixa* tão grande que o passaro ficou *sem azas*.

Ananias (Gente Nova, de Corumbá)

ENIGMA 195

— Esse vicio te embrutece,
Não amas, não és querido,
Só vives para a garrafa!... —
(Diz a Jacynta ao marido.)

— Quem bebe, "sim", ao contrario,
Traz no peito mais acção,
(Responde o José, cahindo,
No mesmo diapasão).

Nas agruras desta vida,
Do que serve só o amor?
E' delicia passageira,
E que *guarda* no imo a dôr. —

Em vez de torná-la alegre,
Deixaram-na muito vermelha.

Clirio (São Salvador, Bahia)

4.º TORNEIO COMMUM DE 1933 — N.º 23

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Mawercas e Lidaci (ambos da Capital), Helio Florival, V. Neno, Belkiss, Noiva da Collina e Vivi (todos 5 do Grupo dos XX, Piracicaba, São Paulo), Etiel, Euristo (ambos da T. E.) e Vasco Dias (todos 3 de Lisboa, Portugal), 25 cada; R. Said e Velhusco (ambos da Bahia), 24 cada; Alvasco (Recife) Dama Verde e Tiburcio Pina (ambos de São Salvador, Bahia), K. Nivete (Recife), 23 cada; Jolivar (Natal, Rio G. do Norte), 22; Gontran d'Abrunhosa, Luar, Sertanejo, Perilo e Iris (G. T. A. — Grupo Theophilottonense de Amadores), 21 cada; Ananias, Americo, Scylla, Castrinho e Canhoto (todos 5 da Gente Nova, de Corumbá), 20 cada; Candinho (Bananal, São Paulo), Gandhi (Campos, E. do Rio), Passaro Negro (Barbacena, Minas), 19 cada; Capuchinho, Capichoto e Capichola (todos 3 do Gremio Capichaba, E. Santo), 18 cada; De Souza (Capital), Bibliophilo (Santa Barbara, Minas), Edipo (Curityba, Paraná), 17 cada; Pardaillan (A. C. L. B., Capital), 16; Tercio-Filho e Ricardo Mirtes (ambos de Recife), 23 cada.

DECIFRAÇÕES

26 — Almacega; 27 — Antanho; 28 — Ermo; 29 — Paulista; 30 — Fastoso; 31 — Carocho; 32 — Guarda-sol; 33 — Radioso; 34 — Saida, saido; 35 — Germano, Germana; 36 — Fosca, fosco; 37 — Soada, soado; 38 — Corveta, certa; 39 — Velhacaria, velharia; 40 — Verdade, verde; 41 — Cachopa, capa; 42 — Careta (lata, re); 43 — Seminario (mina, serio); 44 — Maldia; 45 — Sinecura; 46 — Trincafio; 47 — Soprezar; 48 — Ao lusco fusco; 49 — Hepatoscopia; 50 — A má herva mata a boa.

Marechal (Rio)

CHARADAS 196 a 198

Quando fui p'ra meu trabalho,
Deixei a casa bem limpa,
Tudo em ordem, arrumado,
Tudo "*direito*", supimpa—2—

De tarde, quando *cheguei*—1—
Que bagunça, que bazar!...
Tudo virado ás avessas!...
Tudo de pernas p'r'o ar!...

E quem tinha "*imposto*" aquillo?
O senhor meu caro Chico,
Um guri endiabrado,
Pulador que nem um mico.

Marechal (Rio)

Você tanto puxa a "*corda*"—1—
Que tem ella de partir,
E no *acto de produzir!*...—3—
Oiça bem e queira crer:
Quem na vida muito soffre
E toda hora a padecer,
Não póde gozar caricias,
Nem allivio e nem prazer.

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia)

Eu faço versos sem duvida,
Mas "*versos*" sem sensação,—2—
Versos que em vez de agradarem,
Provocam consternação!...

Uma vez *consentimento*—1—
A certa moça eu pedi
Para amá-la ardentemente...
Mas, meu Deus, o que é que vi?

Os versos com que lhe disse
Do meu amor a scentelha,

LOGOGRYPHO 199

Num *calção* futurista, — 4,6,3,2,9
Com *applauso* — 7,8,4,9,2
Ou com "*cadeia*", — 12,8,3,10,13
Põe este ponto
Na tua lista.

Todo o *antigo* morreu!—1,13,12,6,5
Tchim! pum!
Um tiro de canhão
Reboou automobilisticamente
Onde a velha de amor e desencanto gemeu.
[— 5,11

O signal da bolacha
Diz-se epigrammaticamente
de duas pessoas que vão juntas,
quando uma é muito alta
e a outra
muito
baixa.

V. Neno (Grupo dos XX, Piracicaba)

PRAZOS

Terminarão: a 28 do corrente, e a 2, 8, 10, 12 e 17 de Abril proximo, respectivamente para cada um dos grupos regionaes já estabelecidos no regulamento; para todos o carimbo postal do ultimo dia de prazo.

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1934

Além do que ficou dito, a respeito deste Campeonato, até o n. 32, de 11 de Janeiro findo, devemos accrescentar que, após o nosso regresso da Bahia, encontrei sobre a mesa mais trabalhos recebidos remettidos pelos seguintes charadistas: Miss Iva, Zequinha, Peter-Pan, Jivo, Dr. Promessa, Vigario de Wielkfield, Flôr de Liz, Peropadis, Neptuno, Megareo, Tenente, Helianthо, R. Said, Valente, Nazareno, Arthano, Walkyria, Cyro, Cid Marlowe, Lily Quaglietta, Asilles, K. Nivete, Pinarro, Dr. Kean, Lolina, Athenas, Etienne Dolet, Dapera, Julião Riminot, Paracelso, C. Maia, D. Chico T., K. C. T.

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934

Recebemos, para tal fim, cerca de 3 centenas de artigos, mais quer nos parecer que só metade, mais ou menos, será aproveitada, porque seus autores, e não foram poucos, uns desrespeitaram a clausula 5.ª das *Instrucções* publicadas n'O MALHO 19, de 12 de Outubro do anno findo; outros utilizaram-se de livros que não constam da clausula 13.ª, das mesmas *Instrucções*; outros, finalmente, empregaram os sub-titulos prohibidos pelas alineas *a* e *b*, do Regulamento, para este anno, publicado durante o mez de Novembro de 1933, alineas que poderão ser lidas logo abaixo das 51 primeiras linhas desse Regulamento.

Por esse facto acreditamos haver necessidade de entrarmos com trabalhos nossos para complemento da quantidade, que irá constituir a prova.

UMA RECTIFICAÇÃO

E' — garapa — e não — *garrafa* — o que deve ser lido em a novissima 63, do n. 34.

MAIS UM PONTO MARCADO

Em vista da justificação de *Arca, As*, para 264, do n. 20, Mawercas tem mais 1 ponto nesse numero.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Accusamos o recebimento dos ns. 96, 97, 99 e 100, do "DETECTIVE", que se publica em Portugal, e do JORNAL DE CHARADAS, n. 11, de 15 de Janeiro ultimo.

CORRESPONDENCIA

D. Chico T. e *K. C. T.* (ambos do Grupo da Guarda Velha, de Curityba, Paraná) — Inscriptos sob n. 298 o segundo, e 297 o primeiro.

Otto von Mach (Nictheroy) — Até o dia 25 do mez findo haviamos recebido as listas dos ns. 31 a 35.

Mawercas (Capital) — Não está bem lembrado da lista que remetteu para o n. 20, ao contrario haveria de ter visto que *Bem...* para 157, era insustentavel. Aliás o confrade com esse ponto não contava; de outra fórma não se explica a interrogação, que poz logo após. Nesse numero, o amigo perdeu esse 157, além do — *Estrouvinhado* —, que foi annullado: teve, portanto, 22 pontos, que, hoje, se levam a 23, porque acceitamos *Arca, As*.

ANNUARIO BRASIL-PORTUGAL

Já está á venda na Livraria Alves, Rua do Ouvidor, 166, o *Annuario Brasil-Portugal*, para 1934, publicação especial da Academia Charadistica Luso-Brasileira, com séde á Rua da Estrella, n. 38, nesta Capital.

Este livrinho, já no 8.º anno de existencia, vem cheio de charadas de muitas especies, com premios para os vencedores, destacando-se, entre estes, a *Taça de Prata Olcerch*, offerta do *academico* Dr. Horacio Costa, residente em Campinas, ao decifrador da totalidade dos problemas charadisticos, publicados no citado annuario.

Além disto ali encontramos uma boa parte literaria e muitas gravuras interessantes.

Parabens pelo numero deste anno.

M A R E C H A L

GALERIA DOS NOSSOS CHARADISTAS

Ficha charadistica n. 293 — Zequinha (José Rodrigues), São Paulo.

Ficha charadistica n. 294 — Megareo (Marcos Evangelista dos Santos), cidade do Salvador, Bahia.

Ficha charadistica n. 296 — Otto von Mach (Othon Machado de Oliveira e Silva), Nictheroy, E. do Rio.

FIGURADO 200

Alvasco (Recife)

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado no laboratorio da Lugolina. A SALSA, CAROBA E MANACA', do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Bolivia, Perú, etc.

NENHUM O IGUALOU AINDA PREÇO — 4$000

ESTABELECIMENTOS FUNDADOS EM 1871

ALGUNS PRODUTOS ALTAMENTE RECOMENDADOS

Bi-Urol:
Dissolvente do acido urico. Artritismo.

Creme de Magnesia:
Antiacido e laxativo.

Calfix:
Recalcificação intensa do organismo.

Guaraná Iodo-Kola
Estimulante do trabalho intelectual.

Ingesta (farinha):
Alimento completo da infancia, convalescentes e idosos.

Lindyl (Ampoulas):
Gripe e complicações pulmonares.

Cristais de Frutas:
Refrigerante, purgativo brando.

Synbrina:
Curativo imediato das queimaduras.

LABORATORIO:

QUIMICO,
FARMACEUTICO,
OPOTERAPICO
E DE VACINAS

FARMACIA "SILVA ARAUJO"

RUA 1.º DE MARÇO, 9 a 15

PREFERIDA E RECOMENDADA SEMPRE PELA CLASSE MEDICA

Atende a qualquer hora da noite